

## A HISTÓRIA DOS HÉTAS

### INTRODUÇÃO

Não vai ser fácil escrever sobre os HÉTAS, principalmente porque, durante o tempo em que convivi com eles, nunca fiz muitas anotações; contentei-me, ao invés, em filmar cenas características do seu "modus vivendi". Infelizmente o alto custo do material de filmagem não me permitia filmar seqüências completas.

Além disso, não tendo eu recebido da Universidade Federal do Paraná o estímulo e o apoio necessários para realizar um trabalho de maior profundidade, a continuação dessa pesquisa baseada em documentários filmados ficou à mercê do acaso. Acontece, porém, que o acaso não nos foi propício. Pelo contrário, abandonou-se por completo qualquer trabalho posterior junto ao grupo dos HÉTAS e só alguns anos mais tarde descobri porque. Naquela época perguntei ao Sr. Antônio Lustosa de Freitas se ele sabia porque haviam sido interrompidas as expedições organizadas pela Universidade Federal do Paraná ao local onde ele residia. Respondeu-me dizendo que pedira ao Dr. José Fernandes Loureiro que não retornasse mais ao local onde ele -- Antônio Lustosa de Freitas -- residia. Isso explicava tudo. No entanto, o Sr. Antônio Lustosa de Freitas era a única pessoa na localidade que conhecia o grupo desde as suas origens, sendo também o único elemento de confiança em condições de estabelecer e manter contatos contínuos e satisfatórios com o grupo; isto porque já possuía uma certa experiência adquirida na época em que os visitara nas suas remotas habitações no interior da floresta.

A situação tornou-se trágica quando, repentinamente, o grupo desapareceu. Já não havia condições de se obter mais informações a respeito de seus hábitos de vida numa era mais primitiva. Posteriormente, quando surgiu uma nova chance, embora pequena, de dar continuidade à pesquisa, a última família que era a de EIRAKÁN também desapareceu. E com ela desapareceu também toda e qualquer possibilidade de serem feitas outras observações e pesquisas.

Consequentemente, nos acontecimentos que passamos a narrar, poderão surgir certas declarações de caráter aparentemente discutível mas, dentro das circunstâncias, não havia possibilidade de verificá-las. Passamos adiante aquilo que recebemos e na forma em que recebemos. Já que os nossos informantes não passavam de crianças, pouca importância davam às informações que forneciam e, por conseguinte, as informações mais fidedignas são as filmagens feitas "in loco". Os muitos negativos existentes não puderam ser ampliados em razão do alto custo do material e dos serviços fotográficos. Duma fotografia tirada de um grupo grande, parece-me que o único sobrevivente é NANGO; não posso, entretanto, afirmar isso com segurança absoluta. Ele pode ter falecido desde a última vez em que nos vimos, pois

achava-se bastante adoentado. Nessa época HAİKÁN-M-BAWAY já era falecido.

Talvez um outro pesquisador que tenha um pouco mais de sorte no seu trabalho possa ajudar a completar a minha narrativa.

Quero acrescentar que algumas das observações encontradas nas anotações que seguem poderão ser interpretadas por um ou outro leitor como críticas. Essa, porém, não foi a nossa intenção. Dizemos certas coisas com o objetivo único de explicar porque certos fatos aconteceram e porque o trabalho que fora planejado não chegou a ser executado.

Chamará atenção, igualmente, o fato de o nome do Sr. Antônio Lustosa de Freitas ser mencionado com frequência. Há para isso uma explicação lógica: foi ele o homem que levou ao conhecimento do mundo informações detalhadas a respeito da presença desses estranhos indígenas em suas terras. Até o dia em que ele "deu o brado de alarme", nada se sabia sobre eles.

Logo que apareceram as primeiras reportagens na imprensa, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) viu-se obrigado a planejar um curso de ação que solucionasse o problema apresentado por um grupo de índios residentes em terras já vendidas pelo Governo a cidadãos particulares. Finalmente, antes que qualquer decisão fosse tomada, deu-se a extinção do grupo, eliminando problemas que se afiguravam insolúveis.

Cabe aqui também explicar o motivo pelo qual fotografamos e filmamos as atividades dos últimos HÉTAS no seu "habitat natural". Posso atribuir isso à minha convicção pessoal que é a seguinte: uma boa fotografia vale mais do que mil palavras, e uma boa sequência filmada tem o valor de dez mil palavras. Essa opinião não é só minha. Seu valor tem sido demonstrado por grandes etnógrafos, pesquisadores e artistas da indústria cinematográfica, tais como ROBERT FLAHERTY, ARMAND DENIS, MARTIN JOHNSON, WALT DISNEY, HERALD SCHULTZ e muitos outros que valorizaram o trabalho documentário visual. E todos eles deram provas desse valor. Infelizmente, porém, o alto custo da produção desse tipo de documentário coloca-o fora do alcance do público; o trabalho escrito, por outro lado, graças ao seu baixo custo de produção, tem a vantagem de estar sempre à mão para que possa ser consultado a qualquer instante. No entanto, não se pode por em dúvida a importância e o valor das filmagens em trabalhos de pesquisa e na realização de documentários em trabalho de campo. O que devemos lamentar é que, em tantos casos, isso não tenha sido devidamente compreendido e apreciado.

Agradecimentos, se é que devo fazê-los, são dirigidos aos bondosos indígenas que me permitiram ficar no meio deles enquanto eu trabalhava com minha máquina de filmar. Afora eles, pouquíssimas foram as pessoas que me deram apoio ou me estimularam no trabalho que realizei em prol dos índios. Entretanto, nas últimas expedições realizadas, o Sr. Arthur Schloegel prontificou-se a acompanhar-me e sua colaboração foi de grande valor no trabalho de campo. Sem ela,

muitas das sequências não poderiam ter sido filmadas, por mais simples que pareçam.

\*\*\*\*\*

Informações prestadas pelo Sr. Wismar Costa  
Lima Filho

Na época em que o Sr. Wismar Costa Lima Filho era funcionário do S.P.I., Sétima Inspeção do Serviço de Proteção aos Índios em Curitiba, num certo dia do mês de julho de 1949, o Sr. Agostinho Veronesi, um dos avaliadores da Inspeção, chegou para comunicar ao chefe do Departamento, Sr. Motta Cabral, o seguinte incidente:

"Estamos -- disse ele -- dividindo as terras do território da Serra dos Dourados para o japonês Miamura, de Apucarana, o qual está revendendo os lotes a colonos procedentes de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. Havíamos acampado perto da nascente do Rio do Veado, tendo construído duas cabanas que serviriam de base de operações para o nosso trabalho.

Aconteceu, porém, que às vezes durante a noite ouvíamos certos assobios e ruídos... Uma ou outra vez, pedaços de galhos secos foram atirados em cima da cobertura de sapé das cabanas. Isso deixou-nos apavorados e, um certo dia, quando eu e três dos meus homens regressávamos ao nosso acampamento, depois de terminar o trabalho e carregando nossas ferramentas, deparamos com seis índios nus na picada que levava ao acampamento. Carregavam arcos e flexas e postaram-se bem no meio duma clareira por onde teríamos que passar. Dois deles tinham uma pequena barba... nenhum se moveu. Meus ajudantes, porém, puseram-se em debanda e, apavorados como estavam, deixaram cair as ferramentas, correndo de volta pela picada. Este fato forçou-nos a interromper o trabalho. Venho agora a esta repartição para comunicar o fato e pedir que o mesmo seja investigado para que se possa tomar as devidas providências." Assim terminava o depoimento prestado por Agostinho Veronesi.

Algum tempo mais tarde, por volta de agosto de 1949, o Sr. Wismar Costa Lima Filho recebeu a incumbência de fazer uma viagem até a Serra dos Dourados para investigar a existência dos índios. Ele andou por toda a região próxima à nascente do Rio do Veado, chegando a localizar um ou dois acampamentos indígenas abandonados mas não viu índio algum. Esgotados os recursos de que dispunha, retornou a Campo Mourão e de lá telegrafou para Curitiba, pedindo instruções. As instruções que recebeu ordenaram-lhe que voltasse a Curitiba, uma vez que não havia verba disponível para custear seu trabalho. Com isso o assunto morreu por algum tempo, até o dia em que os índios HETAS fizeram uma visita ao Sr. Antônio Lustosa de Freitas.

\*\*\*\*\*

A HISTÓRIA DOS HETAS

Em fins de 1952, um grupo de agrimensores com seus auxiliares surpreenderam nas matas da Serra dos Dourados alguns menininhos nus que colhiam frutas. Os meninos, cuja idade não passava de 6 ou 7 anos, foram capturados e "raptados". Sua complexão era bronzeada e tinham cabelos longos e desgrenhados. Os agrimensores levaram os meninos para o acampamento e deram-lhes comida. Enquanto atravessavam a floresta a caminho do acampamento, porém, deu-se um incidente curioso: um dos meninos pisou num pequeno buraco, cheio de estacas ponteagudas de madeira, ferindo o pé; esse ferimento posteriormente veio a infeccionar. O menino pisara inadvertidamente numa MANDUKA ou fossa protetora que os índios costumam cavar ao longo das trilhas nas proximidades das armadilhas que ali colocam. A finalidade da MANDUKA é proteger a armadilha contra furto pois o índio que voltasse para sua cabana com o pé machucado estaria se traíndo como ladrão. Desta vez, contudo, não fora ladrão nenhum quem pisara na armadilha!

Um dos meninos capturados conseguiu escapar do acampamento durante a noite e nunca mais se ouviu falar dele. Com certeza achou o caminho de casa no meio da floresta, o que não deixa de ser uma proeza. O outro menino, porém, permaneceu com o grupo de agrimensores, provavelmente pelo simples fato de não poder andar. Mais tarde ele foi levado para Curitiba pelo Sr. Diocleciano de Sousa Nenê e surgiu então a grande dúvida: Quem era aquele menino? Trouxeram outros índios (não da sua tribo, evidentemente) que tentaram comunicar-se com ele mas o menino não entendia uma palavra sequer do que diziam!

Passou-se mais um ano e...outra surpresa! Um outro menino de aparência semelhante foi capturado praticamente na mesma região da Serra dos Dourados, sendo também levado para o acampamento dos agrimensores. Esse menino foi capturado enquanto colhia frutas no alto de uma árvore; não conseguira fugir a tempo, ao passo que os seus companheiros que já se achavam no chão fugiram e desapareceram na floresta. Pediram ao Sr. Diocleciano de Souza Nenê, Agente do Serviço de Proteção aos Índios, em Curitiba, que levasse o menino -- que na época contava, quando muito, 7 anos de idade -- para a capital do Estado e se responsabilizasse por ele. Foi assim que o Sr. Diocleciano acrescentou mais uma criança misteriosa ao seu lar. O primeiro menino também teve uma surpresa ao reencontrar-se com um amiguinho de vida nas selvas após um ano inteiro de separação. Isso se passou em novembro de 1953.

As crianças, já desfrutando segurança, tinham uma vida relativamente boa, com comida abundante. Já eram conhecidos um do outro desde a sua vida na floresta e tinham a vantagem de poder comunicar-se um com o outro sem que ninguém os entendesse. Viveram assim por alguns anos em Curitiba, chegando a obter um certo domínio da língua portuguesa; ajudavam também na cozinha a esposa

do Sr. Diocleciano, a qual mantinha naquele tempo uma pensão. Na pensão a comida era farta, coisa muito importante para os nossos indiozinhos. Além do mais, de maneira geral eram muito bem tratados pelos seus tutores.

O segundo menino a ser capturado era, sem dúvida, o mais inteligente dos dois e seu conhecimento da língua portuguesa acabou sendo bem melhor. Isso contribuiu para que, eventualmente, ele se tornasse um valioso colaborador como intérprete de várias expedições à Serra dos Dourados, informando também com segurança sobre os hábitos de sua gente. Entretanto, o fato de ele haver sido capturado quando era ainda uma simples criança, fazia com que seus conhecimentos sobre o "modus vivendi" do grupo ao qual pertencia fossem um tanto limitados. Não obstante, esses conhecimentos foram de grande valia para todas as expedições que posteriormente se dirigiram à Serra dos Dourados. A memória do menino, apesar do tempo que passara longe da floresta, era muito boa e ele conseguia lembrar-se até de determinadas árvores na floresta onde, anos antes, colhia frutas e juntava galhos de KUKWAY para fazer chá.

\*\*\*\*\*

CEQUÉM -UAIÉ e NÁMO GUÁKA

KAIUÁ e TUKA

Os meninos raptados

As crianças da tribo dos HÉTAS que haviam sido "raptadas" estavam residindo em Curitiba. O menino Cequém-Uaié, apesar de já estar na cidade um ano mais do que o seu companheiro, era ainda um tanto tímido e não demonstrava ser tão inteligente quanto Námó-Guáka ou Námó-Uaquáka que parecia ser um pouco mais jovem. Mas já que ambos estavam sendo bem tratados, conformaram-se com o seu destino. Chamavam o Sr. Diocleciano de Souza Nené de pai, como chamavam também de mãe a esposa dele, Da. Florita.

Com o passar do tempo, naturalmente os indiozinhos "tiveram que ser batizados". Pode parecer uma ironia do destino mas o homem que lhes serviu de padrinho foi o próprio Governador do Paraná, o homem que foi responsável pela destruição da reserva florestal do estado na qual, havia muitos anos, vivia a tribo ou o grupo dos HÉTAS. Em outras palavras, isso significa que esse homem foi o responsável pelo aniquilamento de todo um grupo desses filhos da Natureza.

Na cerimônia de batismo eles receberam os nomes de CAIUÁ-GUAYRÁ (Cequém-Uaié) e JOSÉ TUKANAMBÁ PARANÁ (Námó-Guáka). Hoje eles são conhecidos pelos nomes de KAIUÁ e TUKA respectivamente. Além dos seus novos nomes, receberam do Governador, Sr. Moisés Lupion, uma caderneta para depósitos de poupança...naturalmente, sem qualquer depósito inicial! Em troca disso, perderam

as terras que lhes pertenciam porque nelas os seus ancestrais tinham vivido e caçado por centenas e centenas de anos.

Naquela época, algumas vozes se levantaram em protesto contra a aniquilação da RESERVA FLORESTAL do Paraná, que era o domínio dos HÉTAS. Ninguém deu muita atenção a esses protestos, uma vez que a aniquilação da Reserva Florestal era uma manobra política do próprio Governador e a região da Serra dos Dourados transformara-se numa Meca de posseiros e colonos. Os protestos foram arquivados e o escândalo foi abafado, já que muita gente das altas esferas estava interessada nas terras situadas nas proximidades do rio Ivaí.

Cabe observar aqui que, na época em que escrevemos (1976), os dois meninos raptados já são homens feitos e NÁMO-UAGUÁKA está casado e tem filhos. Cequén-Uaié provavelmente encontra-se ainda na reserva de Marrecas. Ambos escaparam à destruição que vitimou o grupo que permaneceu na floresta e sucumbiu a uma epidemia, poucos anos após serem colocados nas terras da FAZENDA SANTA ROSA, em 1954. Desde então, 22 anos se passaram. Ambientados como estão entre os homens brancos, aqueles meninos dificilmente se recordarão de muita coisa ocorrida num período remoto, quando ainda viviam na floresta.

Observação:

Talvez seja interessante explicar aqui porque os meninos sequestrados da tribo dos HÉTAS são conhecidos pelos nomes de TUKA e KAIUÁ. Na época em que foram raptados, ninguém sabia a que tribo pertenciam. Para encurtar a história, o Sr. Diocleciano de Souza Nené supunha que o primeiro menino tivesse se desgarrado da tribo dos Kaiuás, já que os índios dessa tribo costumavam acampar às margens do rio Paraná, atravessando-o às vezes na confluência do rio Ivaí. Na dúvida, Diocleciano apelou para a solução mais simples e o nome de Kaiuá ficou. Quanto ao nome indígena de CEQUÉN- UAIÉ, tem o significado de "Filho Único" e -- de acordo com o que o próprio dono do nome me relatou --foi-lhe dado porque era órfão ou, melhor, uma criança abandonada. Isso pode ser verdade, como também pode não ser.

O nome de TUKANAMBÁ, dado ao outro menino, leva-nos a crer que o Sr. Diocleciano de Souza Nené conhecia os Tupinambás e, conseqüentemente, sua decisão foi rápida e simples e o menino, obviamente, não levantou objeção alguma. Este contou-me pessoalmente que, na região em que nascera, havia na floresta grande quantidade de pássaros chamados "nambú", como também araras vermelhas; esse o motivo pelo qual ele recebeu o nome de NÁMO-GUÁKA ou WAGWÁKA. Desta forma, a maioria dos homens recebiam alcunhas diferentes, de acordo com o gosto de cada um, ou adotavam o nome de algum santo (ao serem batizados). EIRAKÁN era conhecido pelo nome de João e, mais tarde, também pelo nome de ARIGÁN. Os demais índios chegavam a ter até quatro nomes diferentes, criando uma confusão que, eventualmente, ficou registrada nas narrativas dos visitantes.

\*\*\*\*\*

OS HÉTAS DESCOBREM A SI PRÓPRIOS

Nos idos de 1954 e 1955 e alguns anos mais tarde, houve muita publicidade em torno de uma tribo de "índios selvagens" descoberta no noroeste do Paraná, perto duma localidade que hoje é Douradina. A descoberta atraiu logo um bom número de jornalistas e de certas instituições. O objetivo dos primeiros limitava-se à publicidade sensacionalista, ao passo que os últimos pretendiam estudar o grupo, caso ele fosse realmente desconhecido dos indianistas. É interessante que a maioria dos "jornalistas descobridores" afirmavam ter estado num local jamais visto ou visitado pelo homem branco; ao mesmo tempo, todos se diziam os únicos descobridores de um grupo de homens primitivos com os quais o homem civilizado jamais mantivera contato. A título de esclarecimento, convém notar aqui que aqueles índios já eram conhecidos pelo povo daquela região, embora nenhuma publicidade tivesse sido feita em torno de sua descoberta. Na realidade, os próprios índios haviam "descoberto a si próprios", por assim dizer, quando certo dia fizeram uma visita inesperada a um dos colonos da região, o Sr. Antônio Lustosa de Freitas. Anos mais tarde, NAGUÁ -- também conhecido por QUÊN, contou-me o que realmente acontecera, pois ele participou dos acontecimentos do dia 8 de dezembro de 1954. Quem gravou essa data foi Dona Carola, esposa do Sr. Antônio.

A história que passo a relatar é a que foi contada por QUÊN sobre aquela memorável visita que foi também o primeiro contato por ele mantido com homens brancos. Se, porém, levarmos em conta as circunstâncias, pode ter sido apenas o primeiro contato do grupo ao qual ele pertencia. QUÊN relata que a sua visita foi motivada pela simples curiosidade de querer saber o que é que o "outro homem" tinha na seu "tápuy" (cabana). jamais visto de perto pelos indígenas. Não houve agressão de espécie alguma, segundo afirma o Sr. Antônio em sua narrativa, pois os índios, antes de penetrarem na sua propriedade, situada numa grande clareira, haviam deixado no bosque seus arcos, suas flexas e tacapes. Isso provava que suas intenções eram pacíficas.

\*\*\* \*\*

Naquele dia, apenas seis índios visitaram o sítio. Seu líder era YRATCOMB<sup>v</sup>AWAY, o grande caçador dos Capybaras que nunca mais foi visto após essa primeira visita. Dona Carola supõe que ele tenha morrido. Desses seis índios que foram os primeiros visitantes 22 anos atrás, restou apenas QUÊN-NAGWÁ. No entanto, QUÊN mencionou que, numa outra oportunidade, YRATCOMB<sup>v</sup>AWAY pediu ao Sr. Antônio que lhes desse um machado de aço que eles o viam utilizando no mato havia mais de dois anos. Era muito natural que os índios cobuçassem o machado, já que anos antes eles tinham tido oportunidade de utilizar um machado quando um membro do seu grupo, EIRAKÁN, escapara das mãos dos KAIN-GANGUES após

ter roubado um machado que o auxiliou na sua fuga. Essa preciosa ferramenta foi utilizada por todos eles, na ÓKA, durante vários anos.

QUÉN afirmou que o Sr. Antônio foi muito gentil para com eles. Não os maltratou mas, ao contrário, deu-lhes uma boa quantidade de arroz, açúcar e "bolas" que, provavelmente, eram batatas. Permitiu, inclusive, que ficassem com ele por algum tempo. Desta vez os visitantes foram o seu chefe YRATCOMBVAWAY, o muito conhecido HATCUAKÁN, também conhecido como HADATUKÁN ou TÁHEY; integravam o grupo também EIRAKÁN, também conhecido como ARIGÁN, NAGUÁ-QUÉN, NAGUÁ e um outro índio com o nome de EIRAKÁN; havia outro também chamado QUÉN, irmão de NAG UÁ e do primeiro EIRAKÁN acima mencionado.

O líder desse grupo, que depois nunca mais foi visto, era conhecido entre os índios como "o grande caçador de capybaras". Muito mais tarde ouviu-se dizer que ele falecera logo após aquela primeira visita ao sítio do Sr. Antônio. Essa notícia foi confirmada por Dona Carola que se recorda de tê-lo visto apenas na primeira visita que os índios fizeram ao seu sítio.

Surge aqui também o nome de TIKANTČÓ -TĪKANČÓ que, segundo dizem, era o irmão mais velho de HATCUAKÁN. Seu desaparecimento súbito permanece misterioso até hoje. Relata-se também que ele morreu logo após a única visita que fez ao sítio do Sr. Antônio Lustosa de Freitas.

\*\*\* \*\*

Dona Carola conta como os índios os visitaram  
pela primeira vez.

"Foi no dia 25 de junho de 1952 que chegamos lá naquele mato... Era duro começar a vida desbravando aquele matagal dentro duma área destinada à colonização e que fora doada ao tio de Antônio, o Deputado Lustosa de Oliveira. Este último confiou a difícil tarefa ao seu sobrinho mas não lhe deu um machado sequer para facilitar o trabalho. O pior foi quando o mato pegou fogo, o que aconteceu depois que uma parte já havia sido roçada... Só conseguimos salvar a vida porque nos abrigamos debaixo da ponte sobre o regato até que pudessemos construir outra cabana.

"....Um certo dia, cedo pela manhã, eu estava ocupada preparando o café. O tempo estava bonito e eram 7 horas da manhã do dia 8 de dezembro de 1954. Já fazia uns dois anos que nos estabelecemos ali. Subitamente ouvi vozes do lado de fora da casa. Disse, então, ao Antônio que algumas pessoas se aproximavam falando em voz alta, embora estranhasse muito que alguém nos viesse visitar àquela hora do dia. Abri a porta e vi alguns homens que se aproximavam da nossa cabana, a menos de 30 metros de distância. Estavam completamente nus, embora alguns deles usassem pequenos aventais. Eram quatro

homens e dois rapazinhos. Vi que eram índios e que se dirigiam rapidamente para a nossa cabana. O Antônio procurou impedi-los mas eles tentavam forçar a entrada; foi então que o Antônio começou a bater com seu facão no peitoril da janela, esperando assustar e afugentar os índios com aquele ruído."

Surge aqui uma divergência na narrativa porque Antônio alega ter atingido EIRAKÁN com a lâmina do seu facão, tendo atingido também HATÇUAKÁN e o pequeno MAGUÁ-QUÉN que, posteriormente, tornou-se um bom amigo de Antônio. O próprio EIRAKÁN mais tarde negou que Antônio o tivesse ferido, muito embora este último confessasse que ficara apavorado, apesar de os índios terem parado bem defronte à sua casa. Dona Carola gritou para Antônio, pedindo-lhe que desse aos indígenas um pouco de açúcar, lembrando-se de que sua avó lhe contara como antigamente, em Guarapuava, os homens brancos costumavam apaziguar os ferozes índios KAINGANGUE dando-lhes açúcar.

Antônio trouxe-lhes açúcar, o que deixou os indígenas muito satisfeitos. Ofereceu-lhes um pouco de arroz que eles espalharam pelo chão mas depois cataram os grãos, misturaram-nos com açúcar e comeram. Deixaram-se ficar sentados tranquilamente em frente à casa e depois foram-se embora. Nada mais ocorreu e nenhuma alusão é feita a algum machado de aço que porventura tenha sido dado aos índios.

Dois dias mais tarde reapareceu o índio ARIGÁN acompanhado de sua mulher e duas crianças. Isso apesar de ter sido ele atingido com um facão na visita anterior. Permaneceram no local por três dias, sendo alimentados pelo Sr. Antônio e, após esse tempo, desapareceram. Somente seis meses mais tarde é que veio a grande surpresa: repentinamente, ninguém sabe de onde nem como, surgiu uma pequena multidão de índios: vinte e nove ao todo, entre homens, mulheres e crianças. Antônio e sua esposa atravessaram dias difíceis, vendo-se praticamente obrigados a dar de comer a toda aquela gente que acampou junto à sua casa por um mês inteiro.

Algum tempo depois que esse grupo voltara para a floresta, veio outro grupo que permaneceu por uns quinze dias. Pequenos grupos de índios -- geralmente 3 ou 4 homens com suas mulheres e filhos -- passaram a fazer visitas periódicas ao sítio Santa Rosa. Enquanto ali permaneciam, costumavam caçar e colher frutas no mato. As visitas começaram a ficar mais espaçadas, até a época em que fui convidado a visitar o sítio Santa Rosa, em novembro de 1955. Foi então que encontrei pela primeira vez HATÇUAKÁN e HAIKAMBAWAY com suas mulheres e filhos. Por enquanto, eu ainda não conhecia EIRAKÁN.

Cabe mencionar aqui algumas diferenças verificadas nos nomes dos primeiros visitantes assíduos ao sítio Santa Rosa. A narrativa alude também a um índio de nome ARATIMBAU, além de YRATÇOMBAWAY; trata-se, porém, de um detalhe pouco importante, visto estarem ambos mortos há muito tempo. Mesmo que seus nomes fossem de grande relevância para a narrativa, seria difícil identificá-los em razão das muitas variações na pronúncia dos nomes

indígenas que era ainda mais deturpada pelo homem branco.

A declaração do Sr. Antônio, segundo a qual ele golpeará EIRAKÁN com a parte chata da lâmina do seu facão -- coisa que o próprio EIRAKÁN posteriormente negou -- além de ser um detalhe jamais citado por Dona Carola, pode muito bem ser uma prova de que a balbúrdia e a confusão gerada pelos visitantes inesperados fora realmente grande. Até a presente data, o Sr. Antônio não consegue recordar-se se estava dirigindo seus golpes contra os índios ou apenas contra o caixão da porta e o peitoril da janela, de onde voavam lascas de madeira. Para Antônio, não havia dúvida que eles estavam sendo assaltados. Afinal de contas, eram seis índios estranhos atacando dois brancos que, nessas circunstâncias só podiam ficar apavorados... e foi Dona Carola quem salvou a situação, uma situação realmente apavorante!

Agora, uma palavra sobre os adornos que os índios ostentavam naquela memorável ocasião: os adultos usavam um pequeno avental -- o HAMIÁ ou HAMIÁKÁN. Os homens mais velhos ostentavam colares lisos, o SYPAL e, sobre a cabeça, traziam uma espécie de argola feita de rabo de macaco. Seus punhos direitos encontravam-se enrolados por um longo cordel e, nas orelhas, usavam dois brincos feitos de penas de pássaros. Seu lábio inferior era perfurado por uma espécie de pino ou alfinete transparente (~~branco~~) (~~branco?~~) -- o HAMETÁ -- com aproximadamente um dedo de comprimento, o que dava ao rosto deles uma aparência grotescamente longa. Ambas as suas pernas eram atadas, tanto acima do tornozelo como em volta do joelho, com longas ataduras de fibra.

Os meninos encontravam-se totalmente nus. Ostentavam, porém, grossos colares de contas pretas às quais eram amarradas cabeças ressecadas de araras, papagaios e outros pássaros, patas de javali, anta ou veado, bem como alguns ossos de forma triangular. Também presos ao grosso colar que traziam em volta do pescoço, ostentavam caudas de irara que lhes caíam sobre as costas.

Nas orelhas os índios traziam brincos verdes feitos com penas de papagaio, e dos seus lábios estendiam-se pinos transparentes (??) com aproximadamente um dedo de comprimento -- os HAMETÁS -- que eram presos na parte interna da boca por um contra-pino, o que lhes esticava os lábios num sorriso grotesco permanente.

Na ocasião em que as mulheres apareceram com os filhos, seus cabelos estavam adornados com tufo de penas vermelhas; as criancinhas estavam enfeitadas da mesma forma, sendo que os tufo de penas eram colados à sua cabeça com cera de abelhas. As mulheres encontravam-se totalmente nuas mas ostentavam o colar liso de SYPAL, como também traziam brincos de penas pendurados às orelhas. As crianças também usavam esses brincos, além do grosso colar que já descrevemos acima. Os lábios dos mais pequeninos ainda não haviam sido perfurados. Ninguém se recorda que os primeiros visitantes tivessem o rosto pintado,

mas há um detalhe que Dona Carola salienta: logo após a sua primeira visita, os índios simplificaram muito os seus enfeites. O enfeite de penas no cabelo das mulheres desapareceu por completo e a maioria dos objetos de adorno, tanto dos homens como das mulheres e crianças, nunca mais apareceu depois das primeiras visitas. Isso vem confirmar a minha teoria, segundo a qual os índios abandonam em pouco tempo seus costumes milenares, bastando para isso que entrem em contato com um grupo mais forte que exerça pressão sobre eles.

\*\*\*\*\*

### A HISTÓRIA DOS HÉTAS

Os HÉTAS eram uma estranha tribo de índios que, no dia 8 de dezembro de 1954, revelaram-se a um mundo ávido por tudo o que é sensacional. Habitavam o noroeste do Paraná, na região sul do Brasil, e havia já cerca de cem anos que seus irmãos da mesma raça eram conhecidos. Naquela época, porém, ninguém lhes dava atenção, mas agora passaram a ocupar as manchetes dos jornais.

São muito limitadas as informações que se tem sobre eles e, antes que qualquer pesquisa aprofundada pudesse ser feita sobre a sua raça, desapareceram da face da terra. Muito pouco, portanto, é o que podemos contar. As observações que seguem não têm a pretensão de serem científicas mas, na medida do possível, são verídicas. Caso alguma afirmação pareça inverossímil, não será mais possível fazer qualquer verificação ou retificação, uma vez que todos os índios já desapareceram. Afora as observações que fiz pessoalmente, muitos incidentes me foram relatados pelos índios mais idosos que serviam-se de seus filhos mais velhos como intérpretes. São, portanto, fatos que passamos adiante tais quais os recebemos.

Em primeiro lugar, ninguém sabe com exatidão qual a origem desses indígenas. Deve-se fazer, inclusive, uma correção na denominação que os jornais lhes deram de "Povo da Idade da Pedra". Em nossa opinião, trata-se de um qualificativo duvidoso. É verdade que, na época em que foram descobertos, utilizavam ainda ferramentas da idade da pedra; sabiam fabricá-las mas, além disso, tinham desenvolvido uma técnica bastante avançada de confeccionar utensílios de ossos e objetos de madeira. Não só isso: eram peritos na fabricação de figuras de cera e na tecelagem, embora se limitassem a tecer as pequenas tangas usadas pelos homens -- o HAMIA ou HAMIAKÁN -- como eles mesmos as chamavam. As espadas de madeira que esses indígenas fabricavam eram maravilhosamente bem talhadas mas, infelizmente, as WAÛRA-HAIMBÉ caíram em desuso entre eles muito antes de serem conhecidas pelo mundo civilizado. Conheciam também os machados de aço fabricados pelo homem branco e

sabiam servir-se bem deles quando conseguiam obtê-los. Os poucos machados de aço que possuíam chegaram às suas mãos por acaso, como no incidente relatado por EIRAKÁN, segundo o qual seu pai, muitos anos antes, trouxera um machado de aço para a ÓKA e todos os índios passaram a utilizá-lo. Quando o próprio EIRAKÁN certo dia foi capturado pela tribo dos KAINGANGUE, ao escapar, levou consigo um machado de aço para com ele defender-se na sua fuga. Este machado prestou bons serviços ao grupo dos HETAS por muitos anos.

Consequentemente, o fato de aquele "Povo da Idade da Pedra" já ser versado na técnica da tecelagem, embora primitiva, coloca-os numa classe diferente e talvez alguma reclassificação deva ser feita pelos antropólogos.

Quanto a mim, tentei apenas pintar um quadro mais ou menos autêntico da vida e dos costumes daqueles indígenas. Eles atraíram minha atenção pelo simples fato de serem FILHOS DA NATUREZA, criaturas que, em nossos dias, já são uma raça extinta em quase todas as partes do mundo. Contudo, meus esforços não chegaram a ser coroados de sucesso, em razão dos muitos obstáculos que me impediram de fazer uma pesquisa exaustiva. Alguma coisa, porém, sempre conseguimos realizar.

\*\*\*\*\*

Junho de 1966 -- EIRAKÁN conta como seu pai foi  
aprisionado por certos índios estranhos.

Observação: Escrevo baseando-me em anotações feitas em 1966, quando EIRAKÁN já fora trasladado para a reserva dos KAINGANGUES -- Marrecas, posto JOSÉ MARIA DE PAULO, nas imediações de Ponta Grossa.

Sobre as peripécias de seu pai na floresta, muitos anos atrás, EIRAKÁN relatou o seguinte: "Quando meu pai era ainda bastante jovem, embrenhou-se nas matas um belo dia e acabou se perfendo. Andou, andou, até que chegou à "grande água" (que possivelmente teria sido o rio Ivaí). Neste rio ele depa - rou com um grupo de estranhos índios selvagens que o capturaram, forçando-o a permanecer com eles e vigiando-o dia e noite. Meu pai foi assim obrigado a vagar por muito tempo pela floresta na companhia de seus captores, até que um dia encontraram um outro grupo de índios que atacaram e derrotaram os índios com os quais meu pai se encontrava; foi assim que ele caiu prisioneiro deste segundo grupo de índios. Por um golpe de sorte, porém, certo dia ele conseguiu fugir e, sem saber como, encontrou o caminho que o levou à sua própria tribo. Meu pai -- acrescentou EIRAKÁN -- não tinha a menor idéia do rumo que haviam tomado seus antigos captores, pois nunca mais os viu nem deles ouviu falar."

Existe uma explicação ou, digamos, uma suposição que vem corroborar a narrativa de EIRAKÁN. Naquela época, uns 60 ou 70 anos atrás, havia

muitos grupos de índios vagando pelas florestas e pertenciam provavelmente à tribo dos KAINGANGUES que costumavam atacar quem quer que invadisse o território onde eles caçavam. Posteriormente, o próprio EIRAKÁN foi aprisionado por um desses grupos e com eles foi obrigado a permanecer por longo tempo.

b  
\*\*\*\*\*

IDIOMA E PRONÚNCIA

O idioma é um dos mais importantes elementos na pesquisa. Quem se dedica ao trabalho de campo, porém, geralmente não dispõe de tempo suficiente para estudá-lo. Dominar o idioma de um povo é tarefa para muitos anos e, enquanto uma pessoa se dedica à pesquisa, mal consegue dedicar alguns dias ao problema do idioma. No caso dos HÉTAS, os instrutores de que dispúnhamos eram crianças que, apesar de se esforçarem, não conseguiam fornecer informações exatas, quer sobre fatos, quer sobre determinadas palavras. A tarefa era simplesmente pesada demais para a sua capacidade. Além do mais, para elas, pouco importava que um objeto fosse designado por este ou por aquele nome ou mesmo por vários nomes. A criança simplesmente sabia do que se tratava e, na sua ingenuidade, devia estranhar que o homem branco não o soubesse e fizesse tantas perguntas sobre coisas tão banais!..

Por outro lado, a pronúncia das palavras variava bastante, de acordo com as pessoas que prestavam as informações desejadas. Certos objetos tinham nomes diferentes ou, na melhor das hipóteses, o mesmo nome tinha várias pronúncias. É o caso, por exemplo, de KEGATUÍ ou KIDETAUÍ ou KIGETAUÍ. Levei muito tempo para aprender que a palavra SYPÁL (colar de madeira que os índios usavam ao pescoço) era o mesmo que YPAL, e também que EII significava qualquer coisa doce, não só o açúcar (que eles nem conheciam) mas também mel e abelha. Era mínima a diferença de pronúncia entre o O e o U, o mesmo acontecendo com o L e o R. É evidente que somente linguistas versados em fonética teriam condições de compilar um vocabulário da língua dos HÉTAS. A eles, portanto, deixo essa árdua tarefa. A título de exemplo, quero mostrar até que ponto pode chegar a confusão criada pela falta de uma fonética padronizada. O simples nome do último cacique dos HÉTAS tem sido grafado das seguintes maneiras: Hadiatukán -- Adiatokã -- Adiatoká -- Tukano -- Táhei -- Adatuká -- quando o seu nome era HATCUAKÁN ou coisa muito parecida. O velho Haykumay que era irmão de HATCUAKÁN, era chamado Ma-Á, mas pode aparecer sob nomes diferentes como, por exemplo, Haykumbaway. Pode ser também Haikan-M-Baway mas, atualmente, é impossível chegar a uma opinião definitiva.

O mesmo ocorre, naturalmente, com outros nomes da mesma tribo. Já que as informações eram prestadas por crianças, eram de exatidão duvidosa e, na maioria dos casos, torna-se impossível averiguar fatos e alegações, uma vez que o grupo já desapareceu.

Cabe mencionar aqui que um objeto ou utensílio de grande importância para eles podia ter dois nomes diferentes, coisa que, para o leigo, gerava grande confusão. A espada de madeira que os HÉTAS fabricavam, por exemplo, é denominada WAÚRA-HAIMBÉ que talvez seja o termo correto. No entanto, era chamada também WAÚRA-PINDEPA, apesar do fato que essa última expressão significava mais propriamente um tacape liso de madeira. Tais denominações duplas são frequentes e, evidentemente, não podem deixar de levar a mal-entendidos.

\*\*\*\*\*

### VIAGENS À TERRA DOS HETAS E ALGUNS INCIDENTES

Ao iniciarmos estas anotações sobre o grupo dos HÉTAS, seria interessante mencionar onde eles viviam, como foram encontrados e quando foram efetuados os primeiros, bem como os últimos contatos com a tribo, antes que uma doença os exterminasse. A última região em que foram vistos chama-se "Serra dos Dourados", situada no noroeste do Paraná, nas proximidades do local em que o rio Ivaí (IVAHY) desemboca no rio Paraná e não muito distante das quedas de GUAÍRA.

Este vasto território compreendia antigamente a Reserva Florestal do estado do Paraná, até que um dia a especulação o entregou a colonizadores para fins lucrativos. Essa região foi o último "habitat" dos HÉTAS... uma região que até bem pouco tempo (como é curta a memória dos homens!) servia de habitação para um grande número de "Filhos da Natureza" que desapareceram rapidamente vitimados por uma doença contagiosa transmitida pelos invasores brancos. Nessa época, procedia-se à divisão das terras para as levadas de colonos que chegavam de toda parte.

"Quem eram e quantos eram os HÉTAS?" Eis uma pergunta difícil, senão impossível de responder. Pode-se apenas aventurar uma suposição. A origem dos HÉTAS permanece também na penumbra do mistério, a não ser que algum fato até hoje desconhecido venha à luz. Quanto ao nome, eles próprios se chamam de HÉTAS; outros os chamam de KURUTÓN ou ŠSETÁ ou XETA ou ARÉ ou, ainda, CHETÁ. Isso, porém, não nos diz absolutamente nada sobre suas origens. Existem também os nomes de AIGARETÉ-ÁGUEY ou OBFÁWAYTA que são talvez as denominações dos lugares em que certas famílias viviam. Até o momento, o enigma permanece insolúvel.

Entretanto, lá nos recônditos da minha memória restam alguns nomes, embora poucos, uma vez que nunca fiz anotações detalhadas por não ter, naquela época, intenção de escrever uma linha sequer sobre eles.

Precisamente agora, quando a memória me falha, sinto que apontamentos feitos no trabalho de campo seriam de enorme utilidade. Eis alguns dos

Eis alguns dos nomes que restaram: Hatćuakán ou Táhey, Haikabaway, Eyrakán, N̄aroti, N̄egoraí, M̄eu, Concetramá, Yracó, N̄ango, Námo-Guáka, Čequén-Uaié, Hadare, Iračo-M-Baway, N̄aguá-p-Dahai, Ciquén, Alúa, Hán, Putá, Tiguá, N̄atjé e alguns outros que faziam parte do grupo que, um belo dia, "descobriram a si mesmos" quando tiveram a coragem de visitar o sítio do Sr. Antônio Lustosa de Freitas.

O dia da sua "auto-descoberta" foi um dia tranquilo, uma manhã calma que, de certo modo, marcou definitivamente o seu trágico fim. Não se tratava, em absoluto, de um ataque. De acordo com o que QUÉN e alguns dos outros visitantes me expuseram mais tarde, eles tinham intenção de obter, por meios pacíficos, um machado de aço do Sr. Lustosa. Essa foi a primeira numa série de visitas feitas ao sítio Santa Rosa e, eventualmente, os indígenas levaram o Sr. Antônio até seus acampamentos na floresta e à região em que caçavam. Como ficou comprovado posteriormente, eram bastante numerosos os acampamentos do grupo. À sua maneira singela, Antônio disse-me que a maioria dos acampamentos ficava "no fim do mundo"... Alguns eram tão distantes que, para lá chegar, ele era obrigado a pernoitar nas choças dos índios. Realmente, "no fim do mundo"!

No sítio do Sr. Antônio Lustosa de Freitas os índios eram sempre bem tratados. Recebiam alimentos, acostumando-se, inclusive, com alimentos até então por eles desconhecidos como o feijão, o arroz e o leite. Ficavam em Santa Rosa o tempo que queriam, indo e vindo a seu bel prazer. Mais tarde, como já dissemos, trouxeram consigo suas mulheres e filhos, prova de que confiavam na pessoa do Sr. Antônio. Dona Carola presenteou as mulheres -- que andavam completamente nuas -- com uma espécie de mantos, como também deu aos homens algumas calças velhas. Alguns desses homens mais tarde tornaram-se bons trabalhadores no sítio Santa Rosa, onde famílias inteiras residiam por várias semanas. De lá eles partiam também para suas caçadas, voltando muitas vezes com pequenos animais abatidos que complementavam sua dieta deficiente em carne.

Antônio Lustosa de Freitas observou que os indígenas eram trabalhadores bons e esforçados mas, por outro lado, eram volúveis. Mostravam-se todos muito bem humorados e jamais furtaram um objeto sequer do seu sítio, embora as portas permanecessem sempre abertas.

Ao conversarmos certo dia, Antônio Lustosa de Freitas e eu, ele afirmou que, se tivesse sabido da existência de índios selvagens naquela região, nunca teria se arriscado por lá. Dois anos já se tinham passado desde que ele começara o desmatamento necessário para fazer pastagens e plantações e, durante todo aquele tempo, os índios haviam observado suas atividades acobertados pela escuridão da floresta, até que um dia criaram ânimo para se aproximar da casinha em que morava Antônio e sua mulher. Como já relatamos,

os visitantes eram em número de seis e seu objetivo principal era apossar-se de um machado de aço. Um deles ainda é vivo -- QUÉN-NAGUÁ -- e, ao recontar o incidente da visita, explicou que, antes de se aproximarem da casa de Antônio, deixaram no mato seus arcos e tacapes. Entretanto, apesar de suas intenções pacíficas, Antônio ficou simplesmente aterrorizado.

Infelizmente nem todos os colonos daquela época imitaram a bondade de Antônio Lustosa de Freitas para com os pindios. Certa feita, vagamos pela floresta, numa das excursões que fazíamos em busca de grupos de índios ou famílias HÉTAS que viviam isoladas. Serviam-nos de guias HATCUAKÁN e NANGO que diziam conhecer um lugar, numa pequena clareira na floresta, onde moravam alguns parentes seus. Enfrentando enormes dificuldades, chegamos a um ponto na mata onde deparamos com a cabana de um novo colono. Este alegou nada saber sobre índios e, segundo afirmou (?..) jamais vira um só índio. No dia seguinte, ao penetrarmos mais mato adentro, chegamos a uma outra pequena clareira onde nossos guias esperavam encontrar companheiros seus. O local que, aparentemente fora uma plantação de milho, estava totalmente queimado. Não havia nenhuma choça de índios, muito menos índios! "Cam", exclamaram nossos guias, isto é: "Acabou tudo!" Isso pôs fim à nossa busca. Foi então que HATCUAKÁN e NANGO nos contaram como na última vez que eles tinham visitado aquele local, ao saírem do mato alguém atirou neles obrigando-os a se lançarem ao solo e a fugir rastejando por entre os arbustos.

A meu ver, isso prova que eles já conheciam o estampido de espingardas, bem como o perigo que elas representavam. Assim vemos que a teoria que defende a integração pacífica dos índios na civilização e na sociedade do homem branco assume um aspecto muito diferente quando o colono só conhece um meio eficiente de se defender: a bala. Regressamos desta busca de mãos vazias e com os pés cansados.

Isso explicaria porque o pai de Námo-Guáka, Hévay, também conhecido por QUÉN, nunca compareceram a um encontro programado, quando foi visto apenas por Pedrinho Nunes, Antônio, Námo-Guáka e Hatcuakán, pela última vez. Ao que tudo indica, ele foi o último cacique da tribo, mas deve ter sucumbido à epidemia que o vitimou juntamente com sua mulher, filho e filha. Supõe-se que Hatcuakán o tenha substituído na liderança do grupo. É o que dão a entender as informações fornecidas por outros membros do mesmo grupo.

\*\*\*\*\*

PRIMEIRA EXPEDIÇÃO -- 15 de Outubro de 1955

Logo após o primeiro brado de alarme lançado por Antônio Lustosa de Freitas, acusando a presença de índios selvagens em suas terras, foram organizadas expedições à região dos HETAS.

Por um lado, as pessoas que participaram das expedições não foram devidamente preparadas; por outro lado, havia gente demais, inclusive elementos que não tinham interesse real no empreendimento e cuja presença nada contribuiu para a consecução dos objetivos da pesquisa. Outro problema -- que sempre ocorre quando se trata de realizar pesquisas em lugares distantes -- foi o problema do transporte. Mesmo quando, finalmente, obteve-se um meio satisfatório de transporte, continuaram surgindo problemas, tanto durante a viagem como, mais tarde, no campo de pesquisa propriamente dito.

A primeira expedição organizada para estudar aquele grupo de índios desconhecidos foi organizada ou, melhor, desorganizada pela Sétima Agência do Serviço de Proteção ao Índio, em Curitiba. Segundo ouvi dizer mais tarde, a expedição sofria de "excesso de pessoal", contando, inclusive, com a presença de elementos da Universidade Federal do Paraná. Não pude participar pessoalmente da expedição porque, nessa época, achava-me ocupado com pesquisas de campo junto aos índios KUBEN-KRAN-KEGHN e, um pouco mais tarde, com as tribos dos XAVANTES - Á - UÉ. Essa primeira expedição partiu em 15 de outubro de 1955, mas não obteve êxito em localizar os índios. Embora tivessem encontrado várias clareiras na floresta com choças e cabanas típicas, nenhum índio fora visto. É possível que os indígenas tenham visto os membros da equipe de buscas e, amedrontados com a presença de tantos homens brancos vagando pela floresta, tenham decidido manter distância...ou talvez estivessem nas regiões longinquis onde costumavam caçar.

É interessante notar que, de acordo com o Sr. Antônio Lustosa de Freitas, os índios haviam desaparecido do seu sítio por um tempo relativamente longo. No final da expedição organizada pela Sétima Agência do S.P.I. surgiram alguns problemas pessoais entre seus componentes, forçando a equipe a regressar sem maiores resultados, a não ser alguns machados de pedra que conseguiram coletar, além do fato de terem visitado pessoalmente alguns acampamentos dos misteriosos índios.

Embora não fossem convincentes os resultados dessa primeira expedição, não deixaram de ser animadores, pois chegou-se à conclusão de que não se tratava dum pequeno grupo de indivíduos isolados nem de índios nômades da tribo dos Kaiuás, como certas pessoas haviam pensado. Os machados de pedra, os utensílios de madeira, como também alguns cestos que tinham sido encontrados, provocaram grande curiosidade.

No dia 17 de novembro de 1955, quando Darcy Ribeiro pronunciava uma palestra na U. F. P., em Curitiba, às 21 horas, aproximadamente, chegou

procedente do escritório do S.P.I., avisando que acabava de ser recebido um telegrama do Sr. Antônio Lustosa de Freitas, comunicando que "O GADO TINHA CHEGADO". Em consequência disso, o S.P.I. faria uma viagem urgente à Serra dos Dourados na madrugada do dia seguinte, com o objetivo de entrar em contato com os índios. O telegrama codificado significava que os índios haviam retornado ao sítio Santa Rosa mas o recado fora camuflado para evitar uma corrida de repórteres ao local, caso farejassem uma boa estória...

Como eu já tivesse regressado das minhas pesquisas de campo, convidaram-me para integrar a expedição organizada pelo S.P.I. Eu iria na qualidade de pesquisador para, posteriormente, apresentar um relatório sobre os fatos mais interessantes. Apesar de não encontrar-me em muito boa forma física, concordei e prometi estar pronto às 4 horas da madrugada. Dispunhamos de dois rolos de filme, o que não deve causar surpresa, visto que essa escassez era crônica. Ao invés de dois, precisaríamos de vinte rolos de filme para um trabalho dessa natureza mas, àquela altura dos acontecimentos, nada se podia fazer.

Desta vez o Sr. Dival de Souza chefiava a equipe, dirigindo um velho automóvel de propriedade do S. P. I. Os dois indiozinhos que haviam sido raptados e cuja história já contamos, integravam a expedição. Além do Sr. Dival, iriam o Sr. Durval Machado e dois repórteres da REVISTA DE GUAÍRA. Fui inteirado desses detalhes no decorrer da manhã, enquanto tentávamos localizar o repórter mais importante que seria o Dr. Loyola Netto. Encontramo-lo, finalmente, por volta das nove horas, numa casa de prostituição, quando os demais componentes do grupo já estavam prontos para partir desde as 4 ou 5 horas da madrugada.

Nesse meio tempo eu, que me levantara às 4 da madrugada e saíra de casa sem sequer tomar uma xícara de café, estava mais faminto que um lobo! Assim começou a primeira viagem que fiz à região dos HETAS. Mas eram muitas as surpresas que nos aguardavam ao longo do caminho. Primeiramente a nova rodovia (que liga Curitiba com o norte do Paraná) estava em fase de construção, forçando-nos a tomar um desvio após outro; em segundo lugar, a neblina e a cerração, especialmente à noite, dificultavam o progresso da viagem. O excesso de umidade provocou um curto circuito no sistema elétrico do carro e assim foram se agravando os problemas. Já era noite quando chegamos a Cruzeiro do Oeste. No dia seguinte passamos por Umuarama que, naquela época, não passava de um vilarejo com meia dúzia de casas. Penetramos, então, numa trilha simplesmente abominável e, após andar a noite inteira pela floresta, ao amanhecer chegamos a um lugar chamado "Lauriano Bahiano" e aí começou a nossa "via-sacra"! Alugamos um cavalo para transportar as poucas peças de equipamento que levávamos, através dos 15 quilômetros de picada na floresta que ainda nos separavam do rancho do Sr. Antônio Lustosa de Freitas. Mais tarde fiquei sabendo que não eram 15, senão 25 quilômetros de picada! E que picada! Subindo e descendo

uma estrada abandonada que, aqui e ali, tinha desaparecido sob a ação das chuvas que deixavam enormes valetas. O próprio guia que, seis meses antes, percorrera esta estrada, agora mal a reconhecia. O calor começou a castigar-nos e os meninos índios perderam seus sapatos na areia; não obstante, enfrentavam as dificuldades com galhardia, enquanto o guia se contentava em repetir que já estávamos perto do sítio do Sr. Antônio.

Ao cair da tarde chegamos a uma clareira e, lá ao fundo, vislumbramos finalmente uma casinha: o rancho do sítio Santa Rosa. Deviam ser mais ou menos 5 horas da tarde. Havia no local alguns índios com seus filhos que estavam brincando e não nos deram a mínima atenção. Essa foi a primeira vez que vi os indígenas. Lá estavam a família de HATCUAKÁN e de HAIKÁN-M-Baway, além de alguns outros dos quais não consigo me lembrar. (Hoje, todos já estão mortos, vítimas de epidemias e outras doenças).

Foi assim que começou a "Grande Descoberta". No rancho do Sr. Antônio havia comida em abundância, inclusive leite. Além disso, havia lugar para todos os recém-chegados dormirem em relativo conforto. No dia seguinte comecei a sentir as consequências da viagem: não conseguia ficar em posição ereta porque o sacolejar do carro tinha "feito misérias" com minha coluna. Isso acabou se transformando num problema, porque impedia-me de transportar o material de filmagem até o acampamento dos índios. Só o pensamento de ter que enfrentar os 25 quilômetros da caminhada de volta era para mim um pesadelo. Contudo, já que os repórteres tinham pressa, fizemos a visita ao acampamento dos HETAS e conseguimos fazer algumas anotações interessantes. Consegui também filmar os dois rolos de Kodachrome mas a equipe já estava se preparando para regressar a Curitiba, uma vez que os jornalistas tinham pressa de preparar o seu "furo" de reportagem para a REVISTA DE GUAÍRA. Devo acrescentar, porém, que, malgrado a pressa, o fotógrafo Sr. Feralma conseguiu bater algumas ótimas fotos de mulheres e crianças indígenas...índios que nunca mais vimos.

Para a viagem de retorno, deram-nos mais um passageiro: uma menina de sete anos, com o nome de HAN, irmã de Kaiuá. Ela era órfã e, quando a abandonaram na floresta, o Sr. Antônio a encontrou e levou para o seu rancho. Pusêmo-la sobre o cavalo juntamente com nossa bagagem para a viagem de volta até "Lauriano Bahiano", onde embarcamos no carro para a viagem de regresso a Curitiba.

Depois desta expedição foi planejada uma outra, já que o grupo de índios fora "oficialmente descoberto" e havia provas concretas da sua existência nas fotografias da REVISTA DE GUAÍRA e nos dois rolos de filme Kodachrome. Também esta segunda viagem começou com os problemas de sempre: muito trabalho a ser executado em pouco tempo. Quanto a mim, faltava novamente o tipo de filme adequado ao preparo de um documentário.

Se bem me recordo, foi nesta viagem que tivemos um problema com o carro, que obrigou-nos a pernoitar em Ponta Grossa. Enquanto aguardávamos, resolvemos comprar dois machados que ofereceríamos aos índios em troca de machados de pedra, caso tivéssemos a sorte de encontrar-nos novamente com os HÉTAS. Foram, então, adquiridos dois machados na loja de ferragens do Sr. Frederico Lange. Como eu não estivesse presente na hora da compra, não cheguei a ver os machados. Entrementes, o carro foi consertado e pusemo-nos novamente a caminho. Embora a estrada não estivesse nada boa, haviam aberto alguns novos atalhos e assim nos foi possível ir direto a Douradina e, de lá, ao sítio Santa Rosa, para maior alegria de todos os componentes do grupo.

Quando chegou a hora de fazer a permuta dos machados, perguntaram-me onde eu os havia colocado...mas, infelizmente, eu nunca pusera os olhos neles! Fizeram a mesma pergunta ao taxidermista que nos acompanhava, Sr. Mayer. Ele também nada sabia dos machados. Concluimos, então, que haviam sido perdidos ao longo do caminho. Cerca de seis meses mais tarde, recebemos em Curitiba um recado da Loja de Frederico Lange, em Ponta Grossa, perguntando o que deviam fazer com dois machados que lá haviam sido comprados uns seis meses antes, mas que o comprador nunca fora apanhar...O comprador em questão fora, naturalmente, o Sr. José Loureiro Fernandes.

\*\*\*\*\*

O "tápuy" queimado...pelo motorista Alfonso.

Por ocasião de uma dessas viagens à Serra dos Dourados, a equipe de pesquisa encontrou na floresta um "tápuy" ou cabana, de construção mais ou menos recente. Decidiram desmontá-la para levá-la para Curitiba, onde tencionavam montar novamente as peças e colocar o "tápuy" num museu. Os galhos e folhas de palmeira foram arrastados até o ponto mais próximo da estrada, onde uma camioneta pudesse apanhá-los para fazer o transporte. Alguns dias mais tarde, quando a equipe retornou ao local para colocar as peças do "tápuy" sobre a camioneta, constataram que alguém já tinha cortado os galhos em pedaços e queimado as folhas de palmeira. Pensaram que talvez um caçador, vagando por aquelas bandas, tivesse resolvido queimar os galhos e folhas para fazer uma fogueira, enquanto pousava no local. O incidente foi esquecido e vários anos se passaram. Um belo dia fiquei sabendo que o motorista Alfonso Pereira, em conversa com outros motoristas da U. F. P. gabava-se de ter sido incumbido certa vez, de transportar para Curitiba, uma "ridícula cabana de índios"...Mas, prevendo as dificuldades que a carga poderia causar-lhe na viagem, resolvera queimar "aquela droga" e assim livrar-se do problema. Foi assim que, anos mais tarde, eu soube como desapafecera o "tápuy". Será que o Sr. José Loureiro Fernandes também ouviu essa estória?...Se ouviu, terá

ficado muito surpreso ao saber quem pôs fim ao "tápuy", e porque...

O fato é que ocorreram os mais variados incidentes. Certa vez um problema de transporte obrigou-me a permanecer no sítio Santa Rosa. O Dr. Carlos Moreira Netto Jr. também resolveu prolongar sua permanência lá, a fim de coletar alguns dados. Tendo comprado algumas bebidas num "negócio" distante dali, convidou alguns "camaradas" do sítio do Sr. Antônio para tomarem um traguinho com ele. Isso ofendeu o dono da casa que, posteriormente, pediu-me sugerisse ao Dr. José Loureiro Fernandes não mandasse mais para Santa Rosa nenhum "doutor cachaça". Ao regressar à capital do estado, transmiti o recado e, depois deste incidente, nossas visitas a Santa Rosa foram interrompidas. Não demorou muito e começaram a circular boatos segundo os quais todo o grupo de HETAS que conhecemos na floresta havia morrido, restando Nango como único sobrevivente.

Não há dúvida que a presença de tantos intrusos em seu território deve ter irritado os índios, mormente porque os estranhos nada lhes davam e muito pediam. Certo dia, alguns macacos -- animais que já eram escassos -- foram abatidos e o taxidermista recebeu a incumbência de tirar a pele dos animais para que pudessem ser empalhados e colocados em exibição num museu de Curitiba. Quando os macacos, já sem pele, foram devolvidos a HATCUAKÁN, este ficou irritado e, inicialmente, recusou aceitá-los para assar, porque o processo normal era tostar primeiro a pele e, depois, assar o macaco com a pele. O incidente deixou HATCUAKÁN realmente contrariado mas, quando lhe fizeram ver que ainda havia por lá outros macacos que ele poderia comer à moda tradicional, concordou e os macacos foram comidos sem a sua apetitosa pele...

\*\*\*\*\*

" O que dá pra rir dá pra chorar..."

No início da presente narrativa, dissemos que foram muitas as dificuldades que enfrentamos em nosso trabalho junto aos estranhos indígenas da Serra dos Dourados. As dificuldades iniciais foram de natureza burocrática, coisa que sempre acontece num empreendimento dessa espécie.

Surgiram, porém, outros problemas, tanto no início do trabalho como mais tarde, quando já estávamos no campo de pesquisa. A inexperiência da equipe foi, sem dúvida, um fator negativo; mas não podemos deixar de lançar parte da culpa sobre certos elementos ligados à equipe. Os estudantes que nos acompanhavam, por exemplo, iam simplesmente porque eram mandados e não pretendiam sujar as mãos com trabalho algum. Surgiam, assim, dificuldades, simplesmente porque decisões erradas haviam sido tomadas.

Passo a relatar agora um incidente que poderia ter tido graves consequências mas, felizmente, criou apenas uma situação desagradável.

Mencionamos o incidente, ou incidentes, não com intenção de criticar, mas tão somente para mostrar como surgiam certos problemas que, por sua vez, davam origem a outros de natureza semelhante. Na minha opinião, aqui as datas são irrelevantes.

Rumávamos para a Serra dos Dourados, à procura dos HETAS. O tempo não estava muito bom e a camioneta, como sempre, com excesso de carga. Alcançamos a localidade chamada Ortigueira mas, ali, o povo da vila nos preveniu que, em razão das chuvas recentes, a estrada estava em más condições. O fato de a estrada ser acidentada naquela região montanhosa, levava as autoridades a interditar a passagem de qualquer veículo, exceto carros oficiais que estivessem em missão importante. Já que, além de péssima, a estrada estava perigosa, aconselharam-nos que esperássemos até o dia seguinte. A noite se aproximava e a chuva começara a cair novamente.

Na qualidade de chefe da equipe, o Sr. Loureiro Fernandes recusou terminantemente aceitar a orientação dos guardas, dizendo que dentro de três horas estaríamos em Campo Mourão. Ordenou ao guarda que levantasse a barreira e entramos na estrada com a ilusão de que logo mais estaríamos dormindo num bom hotel, após um gostoso jantar. Estávamos na estrada havia uma hora, quando a chuva engrossou e a escuridão começou a nos envolver... Não enxergávamos mais que uns dois ou três metros adiante do carro. Apesar da grande cautela do motorista que dirigia o tempo todo em primeira, mal conseguíamos ver aonde íamos. Isso continuou por várias horas quando, de súbito, a chuva se transformou num verdadeiro dilúvio. O motorista parou e perguntou o que fazer. Ordenei-lhe que parasse onde estávamos. Já que eu não tinha a menor intenção de morrer naquele dia, a solução era pousar ali mesmo. Mas como dormir dentro de um carro cheio de gente, onde tudo estava encharcado e não havia sequer espaço para esticar as pernas?.. E continuou chovendo a cântaros durante o resto da noite.

Déviam ser mais ou menos sete horas da manhã quando o dia já clareara o bastante para prosseguirmos a viagem, sempre subindo morro e descendo morro. Fora realmente um milagre não termos sofrido um acidente na noite anterior, considerando o tipo de estrada em que viajavamos. E a pressa fora inútil, pois somente por volta do meio dia é que chegamos a um hotel em Campo Mourão.

Outro incidente desagradável ocorreu quando, algum tempo mais tarde, nossa equipe tentava localizar os índios nas proximidades do rio Ivaí. Não tínhamos, entretanto, chance alguma de encontrá-los, pois haviam se afastado do rio em embrenhado na floresta. A solução, segundo nos tinham dito, era prosseguir a pé, a fim de apanhar os índios de surpresa. Preparei, então, para cada um dos homens, mochilas contendo cada uma cerca de oito quilos de mantimentos. Depois da primeira noite, José Loureiro Fernandes atirou sua

mochila numa valeta, declarando que não ia mais carregá-la. Ficamos, então, sentados ali, esperando que algum milagre acontecesse. Inegavelmente, tratava-se duma situação difícil!.. Lá ficamos por várias horas, até que passou um lenhador com seu caminhão e se dispôs a levar toda a nossa equipe até a sua cabana. Não avistáramos um índio sequer nem, muito menos, localizáramos a aldeia deles. E qual o motivo?.. Falta de experiência e falta de bom senso.

\*\*\*\*\*

### OS HETAS RECEBEM MAIS VISITANTES

Em consequência da publicidade que se fez em torno da descoberta de "estranhos índios selvagens" no sítio Santa Rosa ou, melhor, nas proximidades de Douradina, muitos visitantes acorreram àquela região. Alguns eram jornalistas procedentes de Curitiba, outros eram grupos de pesquisa enviados por uma ou outra Universidade. Inicialmente todos entravam em contato com o Sr. Antônio Lustosa de Freitas, no sítio Santa Rosa. Esse vai e vem de curiosos deve ter sido para ele uma verdadeira dor de cabeça mas, pelo menos no início, Antônio os recebia com muita cordialidade, e os primeiros grupos foram relativamente bem sucedidos em seus esforços, no sentido de encontrar alguns grupos de índios no seu "habitat" natural. Não se passou muito tempo, porém, e os grupos de índios já estavam dispersos.

Quanto à publicidade em âmbito mundial, a revista TIME publicou um longo artigo sobre os HETAS, de autoria do Dr. José Loureiro Fernandes. A REVISTA DE GUAÍRA, em sua edição de dezembro de 1955, publicou um artigo bastante extenso, relatando como, por um golpe de sorte, havia-se descoberto a "Tribo Selvagem" na Serra dos Dourados. Bem mais tarde -- em dezembro de 1968 -- a revista MANCHETE publicou uma longa história sobre os HETAS. Além disso, vários jornais comentaram a descoberta.

Não seria fácil comprovar a veracidade dessas narrativas todas -- nem sempre fiéis aos fatos -- escritas como foram por pessoas que não tinham estado em contato pessoal com os índios. Um ou outro desses artigos chegou a revestir-se de um aspecto humorístico, como foi o caso de uma reportagem escrita por Willy Lutzenkirchen especialmente para O ESTADO DO PARANÁ, intitulado "Índios Brancos do Amazonas". Essa estória foi ilustrada com algumas fotografias dos índios HETAS tiradas por mim durante um dos primeiros encontros que tivemos com eles, em fevereiro de 1955. Isso nos dá a impressão de que a geografia do autor estava um tanto confusa... pelo menos no que diz respeito ao Paraná e ao Amazonas!

Não resta dúvida que os grupos de visitantes estavam sendo guiados pelo Sr. Antônio Lustosa de Freitas, pois é fácil reconhecê-lo nas fotografias publicadas. Mas, de acordo com comentários feitos por ele mesmo, as

visitas acabaram sendo um incômodo, contribuindo apenas para transtornar os seus afazeres particulares.

Algumas das primeiras expedições à terra dos HÉTAS arriscaram-se bastante, já que não lhes faltavam recursos financeiros. Entretanto, a Universidade Federal do Paraná ainda dispunha de recursos quando, por algum motivo misterioso, suspendeu as pesquisas junto ao grupo dos HÉTAS. Mais tarde fiquei sabendo que o Sr. Antônio Lustosa de Freitas, em consequência de desentendimentos com o S. P. I. mostrara-se indisposto a receber visitantes no seu sítio e, conseqüentemente, à região dos HÉTAS.

Algum tempo mais tarde, a revista alemã KOSMOS publicou um artigo escrito por Reinhard Maack, o qual visitara a aldeia de Hatçuakán a convite do Sr. Aryon Djalma Rodrigues. O Sr. Maack permaneceu conosco apenas dezoito horas, ou, como ele mesmo relata, apenas pernitoitou em Santa Rosa, porque os seus auxiliares ouviram vozes durante a noite...vozes que vinham da floresta e que só podiam ser de índios! Amedrontados, insistiram em partir imediatamente. Se, porém, levarmos em conta o fato que o Sr. Antônio Lustosa de Freitas trabalhara por dois anos na floresta, sempre observado pelos índios, sem que, todavia, suspeitasse da presença deles, só poderemos estranhar as afirmações do Sr. Maack. Talvez os "sons estranhos" devam ser atribuídos a animais que vagavam à noite pelo mato. Há, inclusive, pessoas supersticiosas que atribuem qualquer som estranho ouvido no mato a espíritos maus ou coisa que o valha.

Deve ter sido grande o número de visitas esporádicas feitas por diversos indivíduos ao grupo dos HÉTAS, e era inútil os índios tentarem esconder-se desses elementos que, passo a passo, iam invadindo e conquistando as matas. Eventualmente os intrusos brancos chegaram a furtar dos acampamentos indígenas não só objetos, mas até mesmo crianças, como foi o caso de KAIUA e, posteriormente, de TUKA e CIQUÉN e, talvez, de alguns outros. Naturalmente o rapto de uma criança indígena pelo homem branco não era considerado nenhum crime; o inverso, porém, teria sido punido com a morte!

Entrementes, os poucos HÉTAS que ainda restavam permaneciam no sítio Santa Rosa e, de vez em quando, aparecia lá um padre para batizá-los. Diz-se até que alguns deles foram batizados várias vezes...

\*\*\*\*\*

Tudo o que já está pronto é fácil...

Há dois aspectos sob os quais tudo é fácil: primeiro, quando existe um problema mas nada se sabe sobre ele; segundo, quando existia o problema, mas já está solucionado. Todavia, entre um ponto e outro, vai um abismo de dificuldades.

Na época em que os HETAS desapareceram da face da terra, restando apenas alguns indivíduos, entre os quais a última família que foi a de EIRAKÁN, eles se encontravam espalhados por uma vasta região onde não era fácil localizá-los. Alguns haviam sido colocados na reserva JOSÉ MARIA DE PAULA, outros na de MARRECCAS, onde EIRAKÁN e seu irmão encontraram seu descanso final. Essa última reserva situa-se além da Serra da Esperança, e só é atingida ao final de 80 quilômetros numa estrada particular muito estreita e toda ela em terreno montanhoso. Esta estrada não é franqueada ao público e, durante a estação chuvosa, fica totalmente interditada. Para utilizá-la, em qualquer época, é necessário obter uma autorização especial da firma madeireira IRMÃOS MAYA, em Ponta Grossa. No entanto, apesar de todas essas dificuldades, às vezes é mais fácil entrar na reserva do que sair dela porque, caso comece a chover, a estrada torna-se intransitável devido ao barro escorregadio e à erosão causada pelas enxurradas.

Certa vez penetrei na reserva de MARRECCAS via Guarapuava, numa época em que um indivíduo empreendedor esperava estabelecer uma linha de transporte regular até a reserva, caso as duas viagens semanais programadas cobrissem pelo menos o custo da gasolina. Foi assim que, um belo dia, já terminado o meu trabalho com EIRAKÁN, a chuva começou a cair e o transporte, ainda em fase experimental, foi interrompido. Falharam três viagens da camioneta e meu prazo de permanência se escoava sem que eu vislumbresse uma esperança de regressar a Curitiba. Já estava preocupado, quando um cavaleiro solitário passou pela reserva e contou-me que o rio São João havia transbordado e, com o nível da água um metro acima do normal, a estrada ficara intransitável. Mais tarde, naquele mesmo dia, apareceu uma camioneta procedente do lado oposto, contando que a ligação com Guarapuava também se encontrava interrompida e perguntando como estava a estrada do nosso lado. O motorista transportava um homem doente para o hospital de Prudentópolis, além de um estudante que dirigia-se para um colégio de Curitiba. Para mim, aquela parecia ser a última chance e, já que, havia dias, minhas malas estavam arrumadas para a viagem de regresso, perguntei se me aceitariam como passageiro. "Não há problema -- replicaram -- contanto que o Sr. nos ajude a pagar a gasolina." Partimos imediatamente.

A princípio tudo correu bem, enquanto viajávamos na região mais elevada. Ao cair da noite, chegamos à barreira na estrada, próximo à casa de um guarda, o qual nos disse que uns dez quilômetros adiante, a estrada estava alagada havia dias. Um caminhão já fora em frente, para verificar quais eram as chances de passar, apesar da água. Caso ele voltasse, as perspectivas não eram nada animadoras; mas isso só saberíamos dentro de duas horas ou mais. Enquanto aguardávamos, tomamos um café com bolinhos de milho. O caminhão não voltou e a chuva recomeçou... Considerando a situação do homem

doente, decidimos que seria uma imprudência viajar à noite, sem sequer sabermos em que condições estava a estrada. O mais seguro era passarmos a noite no rancho do guarda. Acomodaríamos o homem doente no chão mesmo, enquanto o estudante e eu nos abrigaríamos no galinheiro, pelo menos até que a chuva passasse. Dormir, naquela situação, era impossível, e a noite já ia alta quando ouvimos o ronco de um caminhão. Era aquele que passara de tarde e agora voltava, dizendo que não havia a menor chance de passar. Tentamos conciliar o sono, enquanto a chuva recomeçava a cair... Ainda estava escuro quando as pessoas começaram a se movimentar para preparar o café da manhã. Minhas botas estavam cheias de água que havia escorrido durante a noite inteira pelas paredes de bambu. Finalmente clareou o dia e, depois de mais uma xícara de café, partimos para o que desse e viesse.

Ao atingirmos uma elevação do terreno, olhamos para baixo e um verdadeiro mar parecia estender-se diante de nós. Lá se foram nossas esperanças, porque percebemos logo que vários dias teriam que passar até que a enchente baixasse. Para piorar a situação, a gasolina que restava no tanque da camioneta não era suficiente para voltarmos ao local de onde partíramos.

Ficamos ali um bom tempo, debatendo o problema, quando surgiu no outro lado do "mar" uma carroça que, sem mais nem menos, meteu-se dentro d'água... Os cavalos pareciam conhecer o caminho, embora o carroceiro tivesse que ficar empoleirado na sua cocheira, enquanto a carroça estava quase inteiramente submersa, somente com as pranchas laterais acima do nível da água. O principal, porém, é que carroça e carroceiro conseguiram atravessar o "mar". Quando se aproximaram de nós, perguntamos ao homem se ele estaria disposto a transportar-nos até o outro lado, até a rodovia principal. Embora com certa dificuldade, cortamos uns galhos com os quais fizemos uma espécie de plataforma sobre a qual seria colocada a nossa bagagem. O homem doente iria sentado ao lado do carroceiro, enquanto nós, os demais, para aliviar a carga, atravessaríamos a pé por dentro d'água.

Depois de pronta e carregada a plataforma, tirei as calças e as botas; o carroceiro cortou um bastão para mim e pusemo-nos a caminho. Procedemos com cautela e lentidão mas, finalmente, conseguimos fazer a "travessia do Mar Vermelho" com água fria até o peito. Ao atingirmos o outro lado, sentei-me na primeira elevação coberta de grama que encontrei, para secar-me um pouco ao sol. Subitamente levantei-me com um salto, como se eu tivesse me assentado sobre um vulcão. Meu "posterior" estava em fogo, mas o "fogo" provinha de um formigueiro sobre o qual eu me assentara e as "amáveis" formiguinhas estavam agindo!.. Resultado: tive que sair correndo novamente para dentro d'água.

Já era noite quando chegamos a Curitiba, após termos viajado de carona num caminhão que transportava madeira. Visitar os índios naquele tempo era isso... "simplesmente" isso.

DIFICULDADES NA EXECUÇÃO DO TRABALHO --- FALTA DE VERBA!

A maior parte dos trabalhos de pesquisa sofre de um mal crônico que é falta de verba. Esse mal afetou profundamente também as pesquisas realizadas junto aos HETAS. Existem trabalhos que admitem uma certa demora na execução, mesmo depois de devidamente planejados. Outros, porém, não admitem demoras causadas por entraves burocráticos -- como era o caso dos HETAS -- sob pena de se perder para sempre o próprio objeto do trabalho. São pouquíssimos os pesquisadores que conseguem trabalhar por conta própria. É bem verdade que, às vezes, se consegue atrair interesse para uma determinada pesquisa, bastando para isso que se descubram alguns fatos, embora não se esperem grandes resultados. Não obstante, os simples preparativos iniciais podem acarretar despesas; e, então, como pensar sequer num trabalho mais sério sem o devido lastro financeiro?

Sabendo que o grupo dos KAINGANGUES fora totalmente destruído, inicialmente não me interessei pelos desconhecidos HETAS. A curiosidade levou-me a visitá-los mas pouco me impressionaram. Entretanto, após visitá-los mais vezes, inclusive no seu "habitat" natural, convenci-me da possibilidade de elaborar um documentário sobre o "modus vivendi" daqueles selvagens. Mas, para isso, eram indispensáveis tempo e dinheiro. Dinheiro para comprar filmes, para custear o transporte, para pagar ajudantes no trabalho de campo, além de dinheiro para sustentar os índios durante uma pesquisa que levaria semanas, meses talvez.

Sendo eu, pessoalmente, pobre como um rato de igreja, além de escravizado a um trabalho de rotina, restava-me apenas uma enorme boa vontade que, no entanto, de nada me valeria na elaboração de um documentário "à la Walt Disney".

Um belo dia criei coragem e compareci diante do então Diretor (Reitor?..) da Faculdade da U.F.P., Dr. Homero de Barros, a quem expus meus planos de realizar um documentário baseado tanto em filmes como em fotografias, sobre o grupo dos HETAS. O Dr. Homero de Barros era uma pessoa simpática e isso me levava a crer que conseguiria algo de concreto e positivo no sentido de obter a verba necessária para filmar um documentário que seria a história dos últimos homens livres do Estado do Paraná.

Após ouvir a minha exposição, ele respondeu com muita gentileza: "Mas porque ir tão longe para fazer um trabalho dessa espécie?.. Seria muito melhor trazer esses índios para o Passeio Público e colocá-los dentro de jaulas, onde o Sr. poderia fotografá-los à vontade. Bem mais fácil e bem mais barato. Além do mais, não temos recursos para esse tipo de trabalho. Falta verba! "

É difícil dizer se o Dr. Homero falou sério ou se estava

pilheriando. O fato é que as palavras dele foram um jato de água fria no meu entusiasmo e, se depois disso, algum trabalho foi feito, foi tudo com "a cara e a coragem", como se diz na linguagem popular.

Algum tempo mais tarde fui informado que, mais ou menos na mesma época, o Dr. Homero de Barros autorizara a concessão de um auxílio de viagem a duas professoras que, supostamente, iam fazer "pesquisas antropológicas" mas que, na realidade, foram visitar parentes numa cidade distante. Bem, tudo isso ficou para trás. Os índios já estão mortos, como também já é morto o Dr. Homero de Barros. Mas o fato talvez sirva para explicar porque, às vezes, não se consegue realizar um trabalho realmente importante, ou realiza-se apenas uma parcela do mesmo. É doloroso lembrar incidentes dessa natureza e mais doloroso ainda pensar como atitudes semelhantes poderão impedir a realização de outros trabalhos igualmente importantes e interessantes.

Mais tarde, quando juntei uma pequena importância em dinheiro para poder prosseguir na minha pesquisa, já era quase tarde demais. Fiz o que pude com pouco material, sem auxiliares e viajando sempre de carona... Mas o tempo não volta atrás; o último grupo de HETAS já se achava disperso, os velhos estavam mortos ou às portas da morte.

Não obstante, a despeito dessas dificuldades e contratempos, alguma coisa conseguimos fazer. Minhas andanças resultaram em doze mil pés de filme "Kodachrome" (16mm) rodados. Isso está longe de ser um documentário completo sobre os índios, mas pouco é sempre melhor do que nada. Infelizmente ainda restou muito por fazer, mas é tarde demais para lamentar. Há vinte anos que os HETAS deixaram de existir.

\*\*\*\*\*

#### Problemas que surgiram durante visitas aos HETAS

##### Pesquisa versus atividades cinematográficas

Em todas, ou quase todas as visitas que tenho feito a qualquer grupo de "Filhos da Natureza", empenhei-me ao máximo em descobrir como viviam e como confeccionavam os utensílios de uso diário e demais objetos que facilitavam sua sobrevivência num meio-ambiente hostil. Quantas vezes, ao observar seus métodos de trabalho, fiquei surpreso diante da habilidade e da criatividade dos selvagens!

Essas observações levaram-me a registrar em filmes tais atividades e incidentes; nem sempre, porém, a tarefa foi fácil, e poucas vezes foi possível fazer uma experiência prévia. O leitor não deverá estranhar

minhas frequentes alusões a problemas de filmagem e fotografia que tanta frustração me causaram, impedindo-me às vezes de compor o mais simples documentário sobre determinados incidentes. Só mesmo quem já tentou fazer esse tipo de trabalho formará uma idéia dos problemas, das dificuldades e dos esforços necessários para se chegar a fazer um documentário satisfatório.

A estória que segue é um exemplo típico dessas "dificuldades e problemas". Quando eu me encontrava entre os índios KÁ-Á-PÓR, no estado do Maranhão, pretendia filmar um documentário sobre o ritual de conferir o nome a um filho primogênito. Parece ser coisa muito simples, mas trata-se de um dos mais imponentes rituais daquela tribo, e eu esperava concluir o meu documentário durante um período de dois meses, inclusive o tempo da viagem. Tudo parece fácil, contanto que a gente não ponha o pé fora do trem, do navio ou do avião. A partir daí, porém, os problemas começam a crescer até parecerem "picos do Himalaia", e pequeninos detalhes se transformam em bichos de sete cabeças. Foi assim que o trabalho que deveria ter levado dois meses esticou para quase seis...uma leve diferença entre planejamento e execução. Um dos "pequenos problemas" acabou sendo o preparo do KAUÍM, bebida oferecida aos convidados durante um festival.

Eram necessários enormes caldeirões e, já que não havia nenhum na aldeia, a solução era tomar alguns emprestados duma outra aldeia que ficava a certa distância. O cacique ANAKÁN-PUKÚ prometeu ir buscar os caldeirões, contanto que eu o presenteasse com uma rede. Concordei. Por sua vez, TARAPAI, o cacique da outra aldeia, ofereceu-se para ajudar a transportar os grandes caldeirões. Naturalmente, ele também estava de olho numa rede... Tive que concordar pois, do contrário, não haveria festival e, conseqüentemente, eu não filmaria o meu documentário. Disseram que levariam três dias para transportar os caldeirões através da floresta...Mas o calendário dos índios não correspondeu às expectativas, porque só voltaram depois de passados catorze dias. Porque?..

Bem, ao empreenderem a viagem de retorno, durante a primeira noite que passaram no mato, como conta o próprio TARAPAI, o "ANANGA" ou demônio, "sujou-lhe a boca" e, em consequência disso, TARAPAI adoeceu e ficou impossibilitado de carregar o pesado caldeirão. O trabalho pesado recaiu, então, sobre o velho cacique ANAKÁN-PUKÚ, o que os obrigou a frequentes paradas para descanso. Além do mais, precisavam caçar para garantir o próprio sustento...Além disso, sempre haveria mais um amanhã...

Foram esses pequenos atrasos que, somados, retardaram em três meses o festival que haviam planejado, um festival que, em si, durou de três a quatro horas, se é que durou tanto. Para mim, porém, o atraso foi de três meses, sem contar o tratamento de malária que fui obrigado a fazer durante alguns anos.

Foi lutando contra dificuldades desse tipo que conseguimos filmar as atividades dos HETAS e, se obtivemos algum sucesso, devêmo-lo a observações minuciosas acompanhadas de pedidos insistentes para que nos permitissem assistir a execução dos trabalhos que nos interessavam. Um documentário aparentemente simples, como a confecção de um machado de pedra -- o ITÁ NEPRAKÁ -- uma das atividades já abandonadas pelos HETAS, estendeu-se por uns seis meses de planejamento, experiências e tentativas, antes que o trabalho pudesse ser dado por concluído. Os HETAS tinham muitos outros processos aparentemente simples, mas que aguçavam a minha curiosidade e eu não descansava enquanto não descobria como é que eles faziam certas coisas e qual a finalidade das mesmas.

Além de fabricar machados de pedra, através de um processo que data de talvez mil anos atrás, os HETAS fabricavam também a WAURA-HAIMBÉ, uma arma enigmática sobre a qual falaremos mais tarde. Confeccionavam também a WUA-HATIMAI e o SYPÁL, uma espécie de colar liso, e o WAURA-PÉRA, também chamado "pau de chuva" ou madeira à qual eles atribuíam o poder de atrair chuva. A construção do "tápuy" e do "ápoengue" resultava duma técnica que ninguém jamais conseguiu copiar. O "ápoengue" era a "cabana de festa" edificada especialmente para a cerimônia da perfuração de lábios, para o ritual do parto e muitos outros.

Essas e muitas outras coisas precisavam ser documentadas para a posteridade mas, por incrível que pareça, mesmo uma ação tão simples e corriqueira na vida dos HETAS, como a colheita de coquinhos de ZERIVÁ, nunca foi documentada. A polpa dessas frutinhas era um dos alimentos básicos na dieta dos HETAS, que faziam da colheita do ZERIVÁ um ritual cotidiano. Era algo extremamente interessante ver os índios subir nas altas palmeiras para colher seu alimento...tão diferente das nossas compras diárias nos supermercados!

Montes desses coquinhos descartados eram encontrados em todas as aldeias, como "lixo de cozinha". Nunca, porém, tivemos oportunidade de acompanhar uma família floresta adentro para documentar a coleta desse alimento tão importante para eles. Teria sido um documentário com aspectos dramáticos: os homens trepando nas palmeiras, cortando os enormes cachos de coquinhos com seus machados de pedra, amarrando-os às suas cabeças e transportando-os até as aldeias, pelas trilhas da floresta. Mas tudo isso acabou, e essas cenas já não podem mais ser recriadas, pois restam poucas palmeiras de ZERIVÁ e não há mais HETAS para nelas subir. São oportunidades que se perdem para sempre para a História documentada. Uma descrição verbal jamais faria justiça a cenas desse tipo, e só mesmo sequências filmadas poderiam reconstituir o drama desses filhos da Natureza enquanto buscavam seu alimento na luta diária pela sobrevivência.

Quando tentei reconstituir a sequência da coleta do ZERIVÁ, perguntei a uns cinquenta rapazes se estavam dispostos a subir numa palmeira

de ZERIVÁ e cortar alguns cachos de coquinhos. Embora todos se considerassem bons atletas, nenhum se dispôs a fazê-lo, mesmo depois de eu lhes prometer uma recompensa. Desta forma, uma sequência aparentemente simples tornou-se uma tarefa impossível, o mesmo acontecendo com outras atividades que precisavam ser recriadas para que uma sequência filmada pudesse ser apresentada a contento.

\*\*\*\*\*

#### Incidentes e frustrações na filmagem

Planejar um documentário em casa, é uma coisa; filmá-lo no campo de pesquisa, é outra bem diferente. Em primeiro lugar, uma viagem à região dos HETAS era sempre um salto no escuro, pois nunca se tinha certeza de encontrar um dos índios, muito menos um grupo inteiro. Ao serem surpreendidos, os indígenas geralmente ficavam amedrontados e desapareciam. Além disso, mesmo quando ficavam, surgiam outros problemas como, por exemplo: não havia material de filmagem suficiente para o trabalho que nos propuséramos fazer e, quando nossa presença interrompia as atividades normais dos índios, éramos obrigados a aguardar até que eles estivessem envolvidos em alguma atividade realmente interessante e que valesse a pena filmar. Já que nada sabíamos a respeito dos hábitos dos indígenas, a solução era jogar com a sorte e, nessas jogadas, desperdiçava-se muita metragem de filme, o material mais precioso que possuíamos.

Mais tarde, quando já se conhecia algo sobre o "modus vivendi" dos índios, eles já eram "peixes fora d'água", uma vez que haviam sido arrancados do seu "habitat" natural e transformados em simples párias, gente sem terra e sem lar. Não lhes restara sequer um arco ou uma flexa ou mesmo um cestinho no qual juntar algumas raízes para com elas preparar uma frugal refeição.

Qualquer filmagem planejada era problemática e os melhores planos muitas vezes eram folhas jogadas ao vento...E as dificuldades a serem superadas eram sempre imprevistas. Resolvi, certa vez, filmar uma sequência sobre algo que já vira mas nunca tinha documentado: uma pessoa doente sendo abanada pelas asas de um gavião vivo. Eu sabia que já estava sendo muito difícil encontrar gaviões naquela região; procurei, então, o Diretor de Parques Públicos, pedindo-lhe que me emprestasse alguns gaviões do jardim zoológico, com os quais eu tentaria filmar a sequência dentro duma aldeia dos HETAS. O Diretor acedeu ao meu pedido, mas preveniu-me que os pássaros não eram nada mansos. Além do mais, eu tinha a obrigação de devolvê-los vivos. Cederam-me dois gaviões: um maior, preto, e um menor, chamado "gavião-pardal". O primeiro problema foi que um brigava com o outro e, já que ocupavam uma só gaiola,

eu receiava que o gavião preto, mais forte, acabasse matando o outro, que era mais fraco. Foi necessário, então, dividir a gaiola em duas partes. Segundo problema: o gavião preto recusava comer, correndo portanto o risco de morrer de fome...enquanto o manor devorava todos os pedaços de carne que lhe caíam no bico!

Depois que já havíamos iniciado a viagem, alguém sugeriu que alimentássemos o gavião rebelde à força. Meu auxiliar trouxe um pedaço de carne que o pássaro, naturalmente, refugou. Para obrigá-lo a comer, tive que meter minha mão dentro da gaiola e tirá-lo de lá, pois só assim Artur, meu auxiliar, poderia encher-lhe o bico. No instante em que pus a mão dentro da gaiola, o gavião atacou, cravando suas garras na palma da minha mão com tal força que eu não conseguia me desvencilhar. Arranquei a mão de dentro da gaiola com gavião e tudo. Com a ajuda de Artur, finalmente liberei-me das garras do bicho e conseguimos empurrar alguns pedaços de carne para dentro do seu bico. Minha mão ficou estraçalhada, mas salvamos o gavião. Ao chegarmos ao acampamento dos índios, encontramos um índio ( NÁTJÉ ) doente, e assim conseguimos filmar normalmente o "ritual do gavião". Eventualmente os gaviões foram devolvidos sãos e salvos ao zoológico de onde haviam sido tirados.

Um outro problema foi a "filmagem das cascavéis" \* Eu não podia, evidentemente, esperar que os índios ficassem à minha espera, com as cobras de prontidão. Consegui, finalmente, obter duas cascavéis que desempenharam satisfatoriamente o seu papel e logo depois foram "papadas" pelos indígenas. Na oportunidade seguinte, porém, tive que esperar muito tempo até conseguir três cascavéis. Quando parti para minhas pesquisas de campo, coloquei três cobaias dentro da caixa com as cobras. Uma foi logo devorada, mas parece que as cobras resolveram poupar as outras duas para lhes fazer companhia. Mais tarde, ao inspeccionar a caixa, constatei que o processo de alimentação havia sido invertido, pois as cobaias tinham devorado a cauda das serpentes, começando pelos guisos e já atingindo a parte carnuda. Para salvar as cobras, vi-me forçado a matar as cobaias! Infelizmente, ao chegarmos ao campo de trabalho, as cascavéis recusaram-atacar, por mais que fossem provocadas. Resultado: fui obrigado a abandonar a idéia de "brincar com cascavel"...uma brincadeira perigosa, além do fato que os índios tinham um pavor mortal desse bicho.

Em outro lugar do presente trabalho já mencionei como ficara pobre em animais de caça o território no qual EIRAKÁN e sua família foram colocados. Como eu pretendia filmar uma sequência sobre um animal grande sendo assado pelos índios, consegui do "Parque Municipal" ( \*\* ) um porco

---

\* O autor não explica o que, exatamente, as cobras faziam... (Nota do Trad.)

\*\* Passeio Público ?.. ( Nota do Tradutor )

queixada vivo. Logo de início tive que enfrentar o problema de como conservá-lo em minha casa, até a data marcada para a viagem. Quando, finalmente, chegamos ao acampamento dos HÉTAS, soubemos que a família que procurávamos havia morrido cerca de uma semana antes. O porco queixada acabou sendo assado, mas sem os índios. Não obstante, a Srta. Úrsula, do "Summer Linguistic Institute" que, por coincidência, estava visitando o acampamento dos HÉTAS naqueles dias, acompanhada de algumas outras pessoas, declarou que "o queixada nos proporcionou uma excelente refeição". Este, porém, foi um ritual que nunca cheguei a filmar!

Houve, naturalmente, muitos outros problemas relacionados com o trabalho de filmagem, a maioria deles decorrentes da falta de competência e de prática em trabalho de campo. O resultado era quase sempre a perda de seqüências, algumas das quais nunca mais puderam ser retomadas. Ocorre-me um incidente interessante: certa vez, ao filmar uma cena, e não encontrando um meio de evitar que a luz do sol batesse diretamente sobre a câmera, pedi a José Loureiro Fernandes que segurasse o seu paletó aberto, de maneira a fazer sombra sobre a câmera. Antes que eu me apercebesse do que se passava, vi que uma parte do paletó estava diretamente em frente à objetiva, bloqueando por completo a filmagem. A câmera estava rodando normalmente e vários pés de filme foram desperdiçados. Como este, deram-se outros incidentes que, se fossem todos lembrados, encheriam páginas.

\*\*\*\*\*

#### A VIDA NA FLORESTA

O "tápuy", como chamavam os índios suas pequenas choças, só era ocupado durante dias ou noites chuvosas, pois lá dentro eles conseguiam manter-se secos. As folhas de palmeira que cobriam a entrada só eram abaixadas quando as rajadas de vento e chuva eram mais fortes. Quando o tempo estava bom, dormiam ao ar livre, em frente às choças, sobre esteiras feitas de folhas de palmeira. Mesmo nas noites mais frias formiam assim ao relento, com a diferença que, então, costumavam acender fogueiras sobre o chão batido. Como andavam nus durante o dia, também não se cobriam durante a noite. Seu travesseiro era um tronco de árvore rachado ao meio, a que davam o nome de AÚRA-PÉRA ou ÚRAPÉRA MUTERE — a mesma madeira servia-lhes de feitiço para chamar chuva durante épocas de seca. E chamavam chuva frequentemente para que nunca lhes faltassem os preciosos coquinhos de ZÉRIVÁ. Os fogos acesos durante a noite serviam a uma dupla finalidade: além de aquecê-los, contribuíam para afugentar alguma onça que, caso contrário, poderia lançar-se sobre os índios indefesos.

Depois de nascido o sol e seco o orvalho que cobria a floresta, os índios se entregavam às suas tarefas diárias: iam inspecionar suas armadilhas à procura de animais, os ninhos à procura de passarinhos e ovos, as árvores à procura de mil, larvas e frutas. Era preciso juntar folhas para a preparação do KUKWAY, indispensável à sua subsistência. Trata-se do Mate ou "Ilex Paraguaensis", uma espécie de chá a que os paraguaios dão o nome de TERERÊ. O KUKWAY é preparado e bebido várias vezes ao dia, e os índios não o dispensam ao levantar e antes de deitar. Já que, quando partem para suas buscas, raramente voltam no mesmo dia, levam sempre consigo a quantidade necessária de KUKWAY torrado que lhes garantirá o sustento, caso não tenham sorte nas caçadas e na procura de alimento.

Pernoitar longe do acampamento ou da aldeia não cria maiores problemas para um grupo ou para uma família que se vê surpreendida pela escuridão. Improvisam um abrigo, acendem um fogo com as cinzas quentes que carregam consigo o dia todo, e assim estão prontos para passar a noite, mesmo que não tenham tido a sorte de encontrar um "tápu" abandonado por eles mesmos algumas semanas ou meses antes. A não ser que a morte os surpreenda sob a forma duma serpente ou duma onça traíçoeira, amanhã será mais um dia como hoje...mais um dia na eterna busca do alimento e na luta pela sobrevivência.

\*\*\*\*\*

A barreira da linguagem não me permitia obter melhores informações sobre os hábitos e costumes dos HÉTAS. Muito dependia, portanto, das observações que eu fazia enquanto me encontrava no meio deles. Complementava minhas observações com o uso da mímica que, como instrumento de pesquisa, é totalmente inadequada, pois leva mais a conjeturas do que a certezas. Em última análise, porém, ver e observar atentamente continuam sendo os melhores meios de descobrir e entender as coisas.

Mesmo que eu tivesse podido comunicar-me com aqueles indígenas através dum idioma comum, na qualidade de povo caçado e perseguido, eles não teriam tido condições de fornecer dados precisos sobre antigos costumes da tribo. Havia já duas ou três gerações que viviam como nômades, fugindo daqui para ali, a fim de salvar a própria vida; era muito natural, portanto, que aquela existência de verdadeiros "bichos acossados" a que o destino os forçava fizesse com que eles perdessem todo o contato com gerações passadas.

Depois de algum tempo, foram interrompidas até as rápidas visitas que fazíamos ao "habitat" natural dos indígenas, durante as quais nos servíamos duma criança como intérprete, estabelecendo assim um contato mais ou menos satisfatório com os adultos. Com o desaparecimento desses últimos, até isso tornou-se impossível, uma vez que ninguém consegue falar com os mortos...

\*\*\*\*\*

OS LOCAIS DE ACAMPAMENTO E O "TÁPUY"

Os acampamentos de um ou vários grupos de HÉTAS encontravam-se espalhados por um vasto território que, antigamente, formava a "sacrossanta reserva florestal" do estado do Paraná, até que certos indivíduos muito vivos descobriram que aquelas terras podiam ser vendidas a preços muito vantajosos. Sendo os HÉTAS um povo que vivia da caça e da colheita de frutas, uma vez esgotados os recursos de uma área, mudavam-se para outra região da floresta em que a caça e as frutas maduras fossem mais abundantes.

Essa existência nômade obrigava-os a acampar em locais onde fosse possível construir, de um dia para o outro, cabanas em que pudessem se abrigar. Esses abrigos podiam ser de natureza extremamente rudimentar, de vez que o clima temperado não exigia construções mais sólidas.

O "tápuy" ou cabana dos HÉTAS é uma estrutura semiglobal, feita de galhos amarrados com cipó e coberta com folhas de palmeira. Essa cobertura -- embora, à primeira vista, não parecesse -- oferecia proteção adequada contra as mais fortes chuvas. Apesar de dormirem nus, sob o céu estrelado, as fogueiras que acendiam -- uma em cada lado do acampamento -- bastavam para aquecê-los nas noites mais frias.

Desde que estivesse à mão o material necessário -- e não havendo necessidade de nenhum alvará da prefeitura municipal...-- a construção do melhor "tápuy" era um trabalho que dois homens conseguiam concluir em dois dias, no máximo, desde que alguns meninos os ajudassem, transportando os galhos, as varetas de bambu e os cipós usados para amarrar os demais elementos. Uma vez escolhido o local, era fácil limpá-lo e prepará-lo, já que a área inicial de que precisavam era pequena. Bastava que fosse de forma mais ou menos circular, com uns seis metros de diâmetro. Depois de arrancada a vegetação rasteira, os índios faziam cerca de doze buracos no chão, cada um com aproximadamente meio metro de profundidade. O detalhe mais interessante é que os buracos eram feitos com o cabo dos machados de pedra. Em cada buraco eram fincados galhos grossos ou troncos finos e compridos de árvores. Socavam bem a terra em volta e, em seguida, cada um dos galhos era vergado em direção ao centro, até que suas pontas se encontrassem, sendo então amarrados com cipó. Uma vez vergados e amarrados todos os troncos, estava pronta a estrutura básica que já podia receber a cobertura, às vezes um pouco pesada. A esta altura, o "tápuy" assemelhava-se ao esqueleto de uma grande meia-esfera. As hastes verticais eram então amarradas com varetas de bambu dispostas em posição horizontal e como que trançadas em volta das hastes verticais de meio em meio metro, desde o solo até o topo. Uma vez pronto o esqueleto do "tápuy", ele se parecia com uma enorme gaiola de forma semi-esférica. Procedia-se,

então, à sua cobertura com folhas de palmeira de ZERIVÁ, que eram colocadas em cima da estrutura; apenas algumas eram atadas ao esqueleto do "tápuy", para evitar que escorregassem e caíssem ao solo.

Não havia muito perigo que uma ventania fizesse voar toda ou uma parte da cobertura, pois mesmo que desabasse uma violenta tempestade, dificilmente o "tápuy" seria atingido e danificado. As grandes e frondosas árvores que rodeavam a pequena cabana fabricada pelos filhos da selva serviam de barreira, garantindo-lhe proteção contra a fúria dos ventos.

Mesmo quando a chuva caía tangencialmente, não penetrava na cobertura do "tápuy" e, caso surgisse uma ou outra goteira, um simples remanejamento das folhas de palmeira sanava logo o problema.

Por estranho que pareça, durante a construção do "tápuy", não se reservava uma abertura para servir de porta ou entrada. Uma vez concluída a construção, porém, alguns galhos eram quebrados num ponto que parecesse mais conveniente, e ali seria a entrada. Geralmente isso era feito no lado do "tápuy" que dava para o sol-nascente. Já que a "casa" dos índios não tinha propriamente portas, dispensava também a presença de fechaduras. Afinal de contas, não conheciam a existência de ladrões até o dia em que os homens civilizados vieram e roubaram o pouco que ainda lhes restava!

Na ocasião em que filmamos a construção de um "tápuy", o trabalho levou mais tempo do que se esperava, graças a uma ocorrência assaz interessante. As folhas de palmeira já tinham sido trazidas para o local com antecedência, ou seja, na véspera do dia escolhido para a construção. Aconteceu, entretanto, que um cavalo vindo ninguém sabe de onde, farejou as folhas frescas durante a noite e devorou-as todas. Isso atrasou todo o programa, até que novas folhas de palmeira fossem cortadas e trazidas até o local.

Um parêntese: É desnecessário dizer que, ao escolher um local para acampar, os índios procuravam sempre ficar perto de um regato ou duma fonte de água.

Embora a construção de um "tápuy" fosse algo realmente simples, ela só se tornava possível graças à abundância do material necessário. Infelizmente, porém, esse material fornecido pela própria floresta era de curta durabilidade, e não conseguia resistir às variações do clima. As choças abandonadas pelos HÉTAS que encontramos deviam ser construções relativamente recentes, mas já estavam condenadas a desaparecer sob a influência da vegetação luxuriante e toda espécie de trepadeiras. Demonstravam uma certa solidez enquanto não apodreciam os galhos ou troncos verticais. Com o tempo, porém, a força da vegetação acabava esmagando a estrutura que ruía e apodrecia.

Tentei reconstruir também a cabana cerimonial ou ÁPOENGUE. Meus planos fracassaram, não por falta do material necessário, mas porque, para construí-la, eram precisos troncos mais compridos e mais resistentes que só podiam ser encontrados num local distante e isso, dadas as minhas condições financeiras, era inviável.

O ÁPOENGUE, ou cabana cerimonial em que os índios realizavam o ritual da perfuração de lábios, era uma estrutura de dois pavimentos. Os meninos cujos lábios eram perfurados ficavam no pavimento superior pelo espaço de um mês.

Como disse acima, meu desejo de reconstruir um ÁPOENGUE nunca se transformou em realidade graças à invasão dos colonizadores e posseiros que cortavam e queimavam as árvores para plantar e formar terras de pastagem, destruindo assim o material indispensável para aquele tipo de estrutura. Nunca vimos sequer um ÁPOENGUE que tivesse sido abandonada em algum antigo acampamento indígena. Não obstante, a sua existência numa época um pouco mais remota é um fato incontestável, pois os HÉTAS, tanto moços como velhos, dela falavam com entusiasmo. A cerimônia da perfuração de lábios era algo que marcava suas vidas e, conseqüentemente, não era esquecida com facilidade. Infelizmente a construção do ÁPOENGUE, dada a impossibilidade de documentá-la, permanecerá uma coisa de recordações e tradições duma era que passou.

Existem outras tradições não menos interessantes. De acordo com uma delas, antigamente todos os HÉTAS viviam em cabanas com dois pavimentos, sendo que o pavimento inferior não tinha porta nem entrada. O acesso à cabana só era possível pela parte superior. Explica-se o fato como sendo uma precaução necessária contra ataques de onças que rondavam o acampamento, ou mesmo de inimigos humanos. Trata-se de mais uma tradição sobre a qual sempre há de pairar um ponto de interrogação.

De acordo com outra tradição, houve um tempo em que os HÉTAS habitavam no alto das árvores. Essa foi a informação que alguns colonos e certos índios KAINGANGUES deram, por volta de 1870, a um tal de Sr. Whitters. O Sr. Vojtěch Frič relata que, em 1904, o cacique Kaingangue ARIKISÓ contava-lhe que os "SSETÁ" não eram realmente um povo, porque não possuíam idioma próprio e, à imitação dos macacos, tinham suas moradas nos galhos das árvores. Visto que essas informações eram um tanto enigmáticas e já que existem ou existiram, em outras partes do mundo, selvagens arborícolas, perguntei ao Sr. Stan. Zeman, que viveu alguns anos no Paraguai, se jamais ouvira falar de índios arborícolas. Eis a resposta que dele recebi, em 22 de abril de 1976: "Nunca vi tal coisa, mas os paraguaios afirmam que uma certa mulher de baixa estatura que mora conosco pertence a uma raça estranha que não fala Guarani e que, além do mais, mora no alto das árvores."

Como se vê, a informação procede de três fontes diferentes, nenhuma das quais vem acompanhada de provas. Talvez os escritos dos antigos jesuítas façam alguma alusão a esse fato, mas trata-se duma fonte duvidosa que data de trezentos anos atrás. Quanto a mim, teria sentido enorme satisfação em poder filmar os HÉTAS morando nas frondes dos gigantes da floresta...

\*\*\*\*\*

OS ACAMPAMENTOS, o "TÁPUY" e o "ÁPOENGUE"  
UM JAGUAR PRESO NUMA ARMADILHA

Mas voltemos às cabanas de dois pavimentos e às precauções que levavam os índios a levantarem estruturas elevadas. QUÉN e alguns outros jovens HÉTAS contam uma outra estória interessante. Hoje em dia o jaguar é uma espécie quase extinta (isto é: exterminada) mas, antigamente, eles rondavam o acampamento dos índios em busca de vítimas. Um belo dia um jaguar atacou e matou um índio, mas os demais indígenas conseguiram afugentar o animal. Alguém, todavia, teve a idéia de colocar o homem morto como isca numa armadilha. O jaguar caiu na armadilha e, de manhã cedo, os índios o mataram a pauladas. Naturalmente, este é um caso isolado, mas existe nas proximidades da desembocadura do rio Ivaí um lugar chamado Pontal do Tigre, onde o jaguar era um animal muito comum. Hoje resta apenas o nome de Pontal do Tigre. O incidente que reletamos acima não pode ser muito antigo, porque todos os membros sobreviventes do grupo dos HÉTAS tinham dele uma viva recordação.

Os índios temiam o jaguar tanto quanto temiam as serpentes; acontece, porém, que achavam saborosa a carne do jaguar e utilizavam sua pele para vários fins, inclusive medicinais. Aquilo que a nós pode parecer um simples adorno feito de pele de jaguar, devia ter um significado especial para as crendices e superstições dos índios.

Uma das coisas que faziam com a pele do jaguar era uma espécie de chapéu cilíndrico que costumavam usar durante a colheita duma fruta chamada "guavirova". Com ela confeccionavam também o ZAGUAPÉ ou faixa que os meninos usavam em volta da cabeça. Quando partiam para dar caça ao jaguar, os indígenas gostavam de cobrir-se com a pele do animal morto, para mais facilmente aproximarem-se da presa que desejavam abater. Trata-se de um truque difícil de provar, mas certa vez mostraram-me como se fazia; o único problema era a grande quantidade de peles necessárias para se confeccionar aquela "fantasia de jaguar". Mais importante, talvez, era o uso da pele de jaguar queimada sobre brasas e pulverizada. Esse pó era depois misturado com o KUKWAY e empregado como uma loção refrescante em vários tipos de doença.

São costumes indígenas que, hoje em dia, ninguém consegue mais reproduzir.

Um costume generalizado entre os HÉTAS era o de abanar pessoas doentes com a pele seca do jaguar. Acreditavam mesmo que isso contribuía muito para a cura. Ao passo que os jaguares foram se tornando escassos, os índios eram obrigados a apelar para peles de outros animais.

Os HÉTAS caçavam o jaguar, mas também o capturavam em armadilhas feitas com galhos fortes e elásticos, levemente vergados para baixo. A esses galhos prendiam a isca e um laço, o que era, sem dúvida, um meio muito menos arriscado de pegar o animal. Foi assim que o pobre índio serviu de isca, naquela famosa estória que já mencionamos, atraindo o jaguar para a armadilha fatal.

Os ossos dos animais consumidos eram geralmente colocados debaixo duma árvore próxima ao acampamento ou, quando não, eram pendurados dos galhos de uma árvore. Outro costume que tinham era o de pendurar os crânios de todos os animais que caçavam. Estranhos costumes, sem dúvida, mas que, pelo menos em parte, podem ser explicados pelo fato que os ossos assim armazenados serviam às vezes de ferramentas. O osso da perna do tapir, por exemplo, era usado como formão, e as mandíbulas da capivara ("capybara") eram um instrumento indispensável na fabricação de flexas.

Uma coisa que me intrigava era a preparação dos crânios de animais: eram amarrados com cipós, de maneira que a parte superior ficava firmemente presa à inferior. O porque desse costume nunca me foi explicado, permanecendo, portanto, como mais um dos hábitos misteriosos dos HÉTAS. Muito antes de conhecê-los, eu já observara um costume semelhante entre os índios KA-Á-PÓR, no Maranhão. Eles também costumavam pendurar crânios de animais dos galhos das árvores e, quando perguntei porque assim procediam, responderam que era para manter os ossos longe do alcance dos cachorros. Os HÉTAS, porém, nem possuíam cachorros! Mesmo assim, davam uma explicação, embora talvez não muito convincente. Os caçadores HÉTAS exibiam os crânios dos animais, pendurando-os em árvores ou colocando-os sobre a cobertura do "tápuy", a fim de mostrar aos seus vizinhos como tinham sorte ou habilidade na caça. Era uma espécie de auto-promoção... totalmente desnecessária, diga-se de passagem, pois sempre que um animal grande era abatido, todos os presentes participavam da refeição, enquanto houvesse carne para comer. Continua, portanto, sem explicação satisfatória o motivo real da exposição e da conservação dos crânios de animais.

\*\*\*\*\*

## ESTICAMENTO E PRESERVAÇÃO DAS PELES DE JAGUAR E JAGUATIRICA

Quase todos os animais peludos, ao serem preparados como alimento, eram tostados sobre brasas antes de serem assados, com exceção do jaguar e da jaguatirica, uma vez que -- segundo a crença dos índios -- a pele desses animais possuía propriedades medicinais. Era necessário, portanto, preservá-las.

A pele do jaguar ou da jaguatirica, uma vez abatido o animal, era cuidadosamente retirada com a ajuda de uma "faca" feita de madeira de crisciúma. Tomavam, em seguida, cinco ou seis cascas de palmeira de ZERIVÁ e costuravam-nas com palhas trançadas, formando como que uma meia -- esfera grande. Sobre esta meia-esfera esticavam a pele ainda úmida e deixavam-na secar dentro do "tápuy", num canto onde houvesse um pouco de fumaça, provavelmente para impedir que as moscas depositassem seus ovos sobre a pele. Depois de secas, as peles eram enroladas em cascas de palmeira de ZERIVÁ e guardadas para futuras necessidades.

O mesmo processo era utilizado para secar peles de pássaros, que eram empregadas na confecção de brincos para as orelhas. Excetuavam-se peles de pássaros muito pequenos, as quais eram esticadas sobre um outro aparelho pequeno, chamado CUJA.

\*\*\*\*\*

### A "TERCEIRA MÃO" NA CONSTRUÇÃO DO "TÁPUY"

Existe mais uma observação interessante a ser feita sobre os hábitos de trabalho dos HÉTAS, mormente no que diz respeito à eração do "tápuy". Como já dissemos, depois de amarradas no alto, num ponto central, as pontas de todas as hastes ou troncos verticais que formavam o esqueleto da estrutura semi-esférica, fazia-se uma amarração horizontal, em toda a volta, com varetas de bambu, e estas varetas serviam, inclusive, de suporte para as folhas de palmeira que formariam a cobertura do "tápuy". Ora, as varetas de bambu ficavam espalhadas pelo chão em volta dos dois homens que trabalhavam na amarração horizontal, um em cada lado do "tápuy". Se eles soltassem as hastes verticais e a vareta de bambu com que faziam a amarração horizontal, interromperiam e estragariam a continuidade do trabalho. Em vez de fazer uso dos serviços de um ajudante, o índio esticava sua perna e, com os dedos do pé, apanhava do chão uma vareta de bambu, levantando-a em seguida à altura da mão e atando-a à vareta que já se encontrava entrelaçada na estrutura. Desta forma, o trabalhador estava fazendo uso do seu pé como se fosse uma terceira mão; isso acontecia, sempre que necessário, em

qualquer trabalho de amarração. Era admirável o controle muscular que o índio exercia sobre os dedos do pé, utilizando-os com a mesma eficiência com que utilizava os dedos das mãos.

Ao observar essas atividades dos indígenas, veio-me à lembrança algo idêntico já registrado pelo Sr. Martin Johnson, que fez alusão ao uso dos pés como "terceira mão", pelos Dayaks, em Bornéu. Meio mundo separa o Paraná de Bornéu; no entanto, apesar da enorme distância, são idênticas as atividades executadas pelos "Filhos da Natureza".

O uso dos pés como instrumento de trabalho é algo que todos os "Filhos da Natureza" têm em comum e, durante a minha convivência com os HETAS, tive oportunidade de constatar esse fato nos trabalhos que faziam em madeira ou em pedra. Quer estivessem fabricando arcos e flexas, quer confeccionando o CYPÁL ou o WAÚRA-HAIMBÉ, os pés desempenhavam sempre o papel de auxiliares adestrados. O pé era a "terceira mão" do operário das selvas e ele sabia muito bem como tirar dele o máximo proveito.

Não se julgue que apenas os homens eram habilidosos no uso dos pés como "terceira mão". Também as mulheres serviam-se dos pés na fabricação da fibra de KIGETAUI, para segurar tanto a haste da planta (que era uma bromeliácea) como suas folhas firmemente contra o chão, enquanto separavam a polpa da fibra.

++ ++ ++

Ocorre-nos fazer aqui uma observação de natureza linguística. O tapir é conhecido por alguns como TELAGOIHAI, enquanto outros o conhecem pelo nome de ÍPOPERÁTÇO e, segundo o que Ciquén me disse, o nome pode ser também HAIKÁN. Isso prova que o uso de certos nomes é bastante vago, obedecendo quem sabe, até ao estado de espírito do informante!

\*\*\*\*\*

#### OS ANTIGOS ACAMPAMENTOS --- AS ÓKAS

Em épocas passadas, os acampamentos dos HETAS eram grandes e um número considerável de pessoas vivia em cada um deles. Havia conjuntos de até dez "tápuys" em cada clareira na floresta e algumas dessas clareiras ficavam a pequena distância das outras. Contribuí para confirmar este fato a invenção e o uso que os índios faziam do "telégrafo da floresta", através do qual eles se comunicavam entre si. Sabe-se, outrossim, que algumas cabanas grandes foram construídas. Quem confirmou todas essas informações foi HAYKUMBAWAY, o qual disse que as ÓKAS eram grandes. Às vezes ele mostrava

os dedos de uma só mão, indicando os pequenos acampamentos, outras vezes mostrava todos os dedos de ambas as mãos, indicando a presença de dez "tá-puys" nos acampamentos maiores. A mesma pergunta foi-lhe feita repetidas vezes dentro de vários dias, mas a resposta era sempre a mesma. Infelizmente ele não sabia dizer quantos acampamentos existiam naqueles tempos mais antigos. Talvez seu filho soubesse, mas trata-se de mera suposição.

HAYKUMBAWAY menciona a existência de vários acampamentos naquela região, mas era impossível determinar o local exato de cada um. Entretanto, pelo que hoje sabemos, podemos supor que houvesse uma aldeia ou acampamento nas matas de YVATÉ; aí talvez residisse o grupo de HAT-CUAKÁN.

Um outro grupo estava estabelecido na GLEBA 6 ou em "Lauriano Bahiano" -- este talvez fosse o grupo ao qual pertencia a família do pai de TUKA e, possivelmente, aí residia também NANGO.

Havia ainda um outro grupo na localidade conhecida hoje pelo nome de "Pé de Galinha" -- talvez o último reduto do grupo de HAYKUMBAWAY, se é que ele era realmente o cabeça do grupo. Dizem ter havido um outro grupo nas proximidades de Icaráima, mas faltam, a esse respeito, informações seguras.

\*\*\*\*\*

#### A "WAURA-HAIMBÉ" -- FABRICAÇÃO E USO

Entre as armas de que se tem notícia e que eram utilizadas pelos HETAS em suas atividades diárias ou ocasionais, quer como instrumentos de caça, quer como armas de defesa ou agressão, existe uma que passou despercebida aos pesquisadores: a WAURA-HAIMBÉ. É fácil explicar tal fenômeno: uma vez que os HETAS se tornaram um povo perseguido, o uso de um instrumento que, anteriormente, fora de tão grande utilidade, teve que ser abandonado face ao problema mais premente e mais fundamental da simples sobrevivente. As terras onde os índios caçavam foram, pouco a pouco, ocupadas por colonos, e os animais, outrora tão abundantes, tornavam-se cada dia mais escassos. Isso fez com que os instrumentos de caça perdessem a importância e, com o passar do tempo, até sua fabricação foi abandonada. Apenas os mais velhos recordavam-se da antiga utilidade daquelas armas e "ferramentas", ao passo que as crianças, inclusive as que já tinham uma certa idade, mal podiam lembrar-se delas, mesmo que as tivessem visto quando pequenas.

A fabricação dessas armas e "ferramentas", como também de arcos e flexas, de machados de pedra e outros utensílios, já estava passando para os anais da História, enquanto os Filhos da Natureza iam adquirindo facões e machados de aço. Era, portanto, muito natural que relegassem ao esque-

cimento a fabricação de ferramentas primitivas que, durante milhares de anos, haviam sido tão importantes para a sua raça.

No caso dos HETAS, isso aconteceu muito rapidamente, depois que se tornaram donos dos primeiros machados e facões. Embora os HETAS, indiretamente, já conhecessem as ferramentas do homem civilizado, uma vez que não tinham acesso a elas, continuavam a fabricar e utilizar, em pequenas quantidades, as suas ferramentas primitivas. Salientavam-se entre elas as de maior necessidade, que eram arcos e flexas. Continuavam a fabricar armadilhas, mas para animais menores, uma vez que os maiores, tais como o jaguar, o tapir, os javalis, veados, tamanduás e capivaras haviam se tornado muito escassos. Restavam assim tão somente os animais menores que caíam nas armadilhas e, naturalmente, ainda havia por lá um certo número de macacos que viviam no alto das árvores, além de certas aves grandes que forneciam carne aos indígenas. Com o tempo, porém, até esses animais se tornaram escassos.

O seguinte incidente ilustra muito bem até que ponto os animais de caça haviam sido dizimados: certa vez eu quis presentear EIRAKÁN com um veado ou um javali; perguntei, então, aos caçadores da região quantos veados haviam abatido nos últimos cinco anos, e a resposta foi: "apenas um". Mesmo que houvesse um certo número de caçadores "ilegais", os resultados obtidos por eles deviam ter sido igualmente insignificantes. Isso mostra como os pobres selvagens viam-se privados do alimento que a Natureza lhes fornecia -- a única carne de que dispunham eram os animais que caçavam -- vendo-se assim forçados a comer ratos e camundongos para não morrerem de fome. Foi por isso que o uso da lança -- a WUA-HATIMAI e a WAÛRA-HAIMBÉ (ou WAÛRA - PINDEPA) do ALEKRIN (uma flexa farpada) e semelhantes armas acabou tornando-se obsoleto. Os índios dão o nome de WAÛRA-PINDEPA também a uma espécie de tacape roliço, feito de um simples pedaço de madeira, com aproximadamente um metro de comprimento.

A WAÛRA-HAIMBÉ parece ser um objeto que, apesar de muito interessante, passou despercebido aos pesquisadores. Trata-se de uma espada que, ao mesmo tempo, assemelha-se mais a um remo do que a qualquer outra coisa. Mas é curta demais e pesada demais para ser um remo. Afinal de contas, de que serviria um remo para um habitante da floresta?.. Eles evitam sempre aproximar-se dos grandes rios, pois receiam que lá estejam escondidos os seus inimigos.

Como já dissemos, a WAÛRA-HAIMBÉ era uma arma, embora tivesse também outras serventias. Feita de uma madeira de lei, arauete, mede cerca de 1.20 m. de comprimento, dos quais 50 cm. são o cabo e o restante é a lâmina, que deve ser tão larga quanto possível, medindo até 30 cm. Esta lâmina é raspada até ficar com apenas uns dois centímetros de grossura, com um lado afiado e o outro rombudo. A WAÛRA-HAIMBÉ era endurecida no calor do fogo

e, ao mesmo tempo, era pintada de vermelho com uma essência de aráuete-ipê misturada com cinzas.

A primeira vez que vi uma WAÚRA-HAIMBÉ realmente bem feita, achei-a uma arma fascinante. Quem me fez a primeira foi EIRAKÁN e, mais tarde, recebi outra fabricada por HAIKÁN-M-BAWAY. Este último explicou que as "espadas" feitas por EIRAKÁN eram estreitas demais e que a lâmina devia ser muito mais larga. Somente algum tempo depois descobri porque: a arma era também utilizada como instrumento de sinalização na ÓKA.

A WAÚRA-HAIMBÉ, como já dissemos, era feita de madeira de aráuete. Ora, o cerne desta árvore é um tanto pequeno e, para que ele atinja 30 cm. de diâmetro, a aráuete teria que ter um diâmetro total de mais ou menos 70 centímetros. Ora, uma árvore dessas proporções devia ser coisa rara e, além do mais, derrubá-la com um simples machado de pedra era uma tarefa sobreumana. O fato, porém, é que os índios conseguiam fazê-lo. Ao mesmo tempo, entende-se porque as WAÚRA-HAIMBÉ eram instrumentos raros, em que pese a alegação de que, antigamente, os índios possuíam muitos deles.

Custou-me encontrar uma tora de "alekrín" com as proporções certas. Uma vez encontrada, levei-a a HAIKÁN-M-BAWAY a fim de que ele confeccionasse uma WAÚRA-HAIMBÉ "de acordo com o figurino". A tora que eu procurava foi encontrada, finalmente, na madeireira DOLMAN-HILL. O meu trabalho até que fora simples, pois o duro mesmo ia começar a partir de então: cortar, lascar e raspar a madeira com ferramentas de pedra...alisá-la com pedacinhos de pedra. Um trabalho hercúleo mas que, para mim, provou mais uma vez que os HÉTAS não eram um povo da idade da pedra, mas sim descendentes de uma raça que, em séculos passados, deve ter possuído uma cultura muito superior.

HAIKÁN-M-BAWAY caprichou para deixar o mais afiado possível um dos lados da lâmina, chamando minha atenção para este detalhe, uma vez que, em parte, a arma destina-se a matar. A seguir, ele preparou a essência de aráuete com cinzas e acendeu um fogo. Depois de aquecida a lâmina sobre as brasas, ele a endureceu com o líquido vermelho. Uma vez pronta, a "WAÚRA-HAIMBÉ era uma peça realmente magnífica. Disseram-me que, antigamente, essa arma era comum nos acampamentos dos índios, os quais dela sabiam servir-se para uma série de finalidades. Entretanto, esse "antigamente" não se situa num passado tão distante porque, por volta de 1940, os HÉTAS ainda desfrutavam uma existência tranquila e normal. Pouco mais tarde deu-se início à colonização do seu território.

Entre outras coisas, os índios usavam o cabo da WAÚRA-HAIMBÉ para bater a carne ressecada do tapir. Isso indica, também, que antigamente a carne desse animal era tão abundante que chegava a sobrar para os dias de "vacas magras". Além disso, a espada ficava sempre à mão dentro

do "tápuv" para a eventualidade de um ataque inimigo contra a ÓKA. Outro detalhe interessante: a lâmina um tanto delgada, ao bater contra o tronco de uma árvore, produz um som agudo que pode ser ouvido a certa distância no silêncio da floresta. Servia, portanto, de "instrumento de sinalização" que transmitia recados e mensagens de um acampamento para outro, fazendo as vezes de um autêntico "telégrafo da floresta".

Como arma de agressão, a WAÚRA-HAIMBÉ era perigosa e, em certames esportivos, chegava a produzir consequências trágicas. Uma pessoa que fora testemunha ocular do fato contou-me que tinha visto um homem morrer nesse tipo de luta, o mesmo ocorrendo em combates de verdade. Isso não causará surpresa se levarmos em conta que a WAÚRA-HAIMBÉ, além de pesada, é afiada, bastando às vezes um golpe para causar a morte. Um dos índios contou-me que, certa vez, vira um homem ser agregido e praticamente esquartejado por um atacante munido de uma WAÚRA-HAIMBÉ. Dependendo da força do agressor, a estória pode muito bem ser verdadeira.

A origem da WAÚRA-HAIMBÉ permanece enigmática mas, pesquisando um pouco mais a fundo, encontramos algumas fotografias interessantes tiradas em 1903 pelo Sr. Vojtěch A. Frič e publicadas em seu livro "INDIANI JIZNÍ AMERIKY" à pg. 32. As fotos mostram algumas mulheres das tribos PILAGÁ - ČOROTI e ČAMAKOKO, que costumavam lutar com espadas semelhantes à WAÚRA-HAIMBÉ, a fim de conseguir um marido. No mesmo livro, à pg. 33, vê-se a fotografia de uma menina sendo adestrada no manejo da arma para que, mais tarde, quando se visse obrigada a lutar para conquistar seu marido, soubesse lutar com galhardia. A foto pode ter sido a reconstrução duma cena, mas é um fato incontestável que espadas daquele tipo, ou muito semelhantes, eram usadas no Paraguai por várias tribos, tanto na caça como na guerra. Sabe-se também que as mulheres utilizavam-nas no preparo do palmito.

É notável a semelhança entre a espada dos índios ČAMAKOKO e a WAÚRA-HAIMBÉ dos HÉTAS. Se algum dos HÉTAS ainda fosse vivo, tenho certeza de que nos daria uma bela demonstração das muitas e variadas coisas que costumavam fazer com aquele misterioso instrumento. A semelhança das suas espadas com as dos índios paraguaios levanta uma outra questão: De onde vieram os HÉTAS ou SŠETÁS ou os ARÉS ou os BOTOCUDOS SELVAGENS? Talvez todos tivessem raízes comuns no outro lado do rio Paraná, de onde emigraram para o lado de cá, ou seja para a margem esquerda do grande rio.

Como arma de caça, a WAÚRA-HAIMBÉ é pesada demais para ser carregada durante excursões mais longas pela floresta. HAIKUMBAWAY e EIRAKÁN, porém, disseram-me que, nas suas ÓKAS, espadas do mesmo tipo, embora menores, eram feitas para os meninos pequenos.

É verdade que a WAÚRA-HAIMBÉ tornou-se uma arma obsoleta depois que o homem branco invadiu o território dos indígenas. As armas que ainda restavam -- segundo contou-me HATČUAKÁN -- foram roubadas pelos mesmos

indivíduos que vinham medir e vender as terras dos índios.

Alguém poderia perguntar: como foi possível chegar ao conhecimento duma arma misteriosa que hoje em dia nem existe mais?..Conversando, certa vez, com crianças da tribo dos HÉTAS, perguntei-lhes a respeito das armas que os homens usavam. Um dos meninos contou-me como, antigamente, os índios tinham uma "táboa" com a qual cortavam outros homens em dois pedaços. Para mim aquilo representava mais que um enigma; era um desafio. Pedi, então, ao menino que me descrevesse o objeto de que falava e, em resposta, ele desenhou no chão algo que parecia uma pequena táboa (cerca de dois palmos quadrados) com uma espécie de cabo. Isso me lembrava muito mais as pequenas táboas de cortar carne, que usamos em nossas cozinhas, do que uma arma perigosa de defesa e agressão. Mas foi isso que, pouco a pouco, levou-me a EIRAKÁN e HATCUAKÁN e à solução definitiva do enigma da arma esquecida. Hoje em dia, com todos os índios mais velhos já falecidos, esse tipo de reconstituição duma coisa que já pertence inteiramente ao passado, seria impossível. Moral da estória: deve-se malhar o ferro enquanto ele está quente!

\*\*\*\*\*

#### OS SONS DA FLORESTA

Além dos apitos comuns, os índios usavam certos apitos especiais para atraír pássaros.

Um deles era o TAWANIÁ ou TAUANIÁ, um apito feito especialmente para atraír o gavião quando os índios precisavam das penas desse pássaro para confeccionar brincos, quer para si próprios, quer para suas mulheres e filhos. Tratava-se de um pedaço de bambu, com mais ou menos uma polegada de grossura e três de comprimento, aberto numa das extremidades. No centro do tubo havia um orifício onde se soprava, sendo o som controlado por meio do dedo polegar, enquanto o apito era segurado em posição horizontal. Os gaviões realmente respondiam a esse chamado sibilante, aproximando-se até a distância em que podiam ser atingidos por uma flexada.

Conchas de caramujos eram também usadas como instrumentos musicais para acompanhar os cânticos no acampamento. Geralmente um ou dois homens (ou meninos) acompanhavam a cantoria com sons longos e sibilantes. Aquilo que chamamos de "cantoria" e que os índios executavam durante seus rituais noturnos não eram cânticos propriamente ditos, mas sim uma gritaria rítmica e prolongada.

\*\*\*\*\*

A "AURA-PÉRA" ou "WAURA-PÉRA" - O Pau de Chuva

Foi em circunstâncias muito estranhas que tomei conhecimento do AURA-PÉRA ou WAURA-PÉRA, a madeira que chama chuva durante o período da seca. Eu já conhecia os pedaços de troncos rachados ao meio que os índios usavam como travesseiros em seus acampamentos. Nunca dei muita atenção ao fato, mas perguntava-me porque seria que as mulheres, quando a família mudava de acampamento, colocavam aqueles pesados pedaços de madeira em seus cestos já carregados com outros objetos de uso diário. Ora, pedaços de madeira como aqueles podiam ser encontrados em qualquer lugar na floresta. Além do mais, um chumaço de capim seco lhes daria um travesseiro muito mais macio do que aquelas toras de madeira! Explicaram-me, então, que não se tratava de simples pedaços de madeira; era o "pau de chuva" que eles precisavam transportar de um lugar para outro a fim de "chamar chuva", caso um período de seca se prolongasse além do normal. Evidentemente, para os indígenas, o AURA-PÉRA não era um simples pedaço de madeira, mas sim um feitiço ao qual atribuíam um poder sobrenatural e que, num período de seca prolongada, tinha sua finalidade especial.

Embora o ritual de "chamar chuva" fosse algo simples, podia tornar-se bastante cansativo, caso a chuva não caísse logo depois da primeira chamada... É verdade que os índios precisavam de chuva para as plantas que comiam mas, por outro lado, acampavam sempre nas proximidades de um regato ou de uma fonte, cuidando sempre que não lhes faltasse a água para o preparo do KUKWAY.

O ritual para chamar chuva é um dos mais simples que se possa imaginar. Um dos homens do acampamento tomava a meia-tora sobre a qual dormira na noite anterior, ia até a árvore mais próxima e começava a bater com a WAURA-PÉRA contra o seu tronco. Essas batidas, que produziam um som oco, podiam continuar por muito tempo...O índio descansava e aguardava o resultado que podia ser positivo, como também podia ser negativo! Dependendo das circunstâncias, o ritual podia prolongar-se por vários dias, mas o índio era paciente e -- maravilha das maravilhas! -- eventualmente a chuva começava a cair, especialmente se não tivesse chovido há vários dias pois, afinal de contas, um dia tinha que chover! É bom lembrar que, para os indígenas, o ritual de chamar chuva revestia-se de importância especial, porque a chuva ajudava o crescimento dos coquinhos de ZERIVÁ, seu alimento básico.

\*\*\*\*\*

A "WUA \* HATIMAI" ou LANÇA

Voltando ao assunto das armas, existe mais uma que os HETAS usavam e que desapareceu por completo de circulação: a WUA - HATIMAI ou lança. Era uma arma de defesa e agressão. Media cerca de dois metros e meio de comprimento; a haste era de bambu forte, terminando numa ponta semelhante a uma baioneta, feita de madeira de aráuete. Na extremidade superior os índios amarravam, em espiral, penas de urubu preto, como aliás também faziam nas suas flexas. Hoje em dia já desapareceram o tapir e o jaguar, como desapareceram também os HETAS. Suas armas, entre elas a WUA - HATIMAI, hoje não passam de documentos históricos que dão prova da capacidade que o filho das selvas possuía de sobreviver num ambiente hostil, mesmo sem o auxílio da pólvora e das armas de fogo.

\*\*\*\*\*

A FLEXA FARPADA

É mais uma das armas desaparecidas, mas deve ter sido também uma peça mais rara, uma vez que sua fabricação exigia muito trabalho e extraordinária habilidade. Esse tipo de flexa era usado provavelmente para abater macacos e coatis; ela oferecia mais segurança, porque prendia-se melhor ao corpo do animal depois de atingí-lo. Por outro lado, talvez a dupla fileira de farpas tivesse outra finalidade que não conhecemos. De qualquer forma, a fabricação da "flexa farpada" devia ser um trabalho muito cansativo e que exigia o máximo cuidado. A haste era de aráuete, medindo até um metro de comprimento, e com farpas ao longo de toda a sua extensão. Essas farpas eram talhadas na madeira, em forma de anzol. O trabalho era iniciado com pedacinhos de pedra e o polimento era feito com dentes de paca. Aliás, todo e qualquer trabalho executado pelos indígenas em suas armas caracterizava-se por grande capricho.

Tive oportunidade de observar, em alguns acampamentos, como o caçador tinha cuidado com as armas das quais dependia sua sorte na caça. Ao retornar duma caçada, ele costumava colocar seu arco e flexas num local sombreado, sobre uma prateleira ou suporte feitos especialmente para essa finalidade, de maneira que as flexas não fossem vergadas pelo sol. Outras vezes, flexas que estavam tortas eram colocadas ao sol para que se endireitassem novamente. Tudo isso dependia do material de que eram feitas.

Voltando, porém, às flexas farpadas: porque eram fabricadas pelos índios, quando o essencial mesmo era a ponta da flexa?..Era a

ponta da flexa que atingia e matava o animal no alto das árvores, fosse ele um macaco, um coati ou um animal menor. Ao abater esses animais na floresta e ao recuperar sua flexa no solo, o índio geralmente constatava que a primeira das farpas estava quebrada ou esmagada; numa palavra, inutilizada. Ele então recuperava a flexa, cortando com uma pedra a farpa danificada e apontando e afiando a farpa seguinte. Com uma lasca de pedra, o índio fazia uma incisão em volta da haste, enfraquecendo-a de propósito para que, caso ficasse presa a um tronco ou galho de árvore, fosse possível quebrá-la com facilidade e afiá-la novamente para a próxima oportunidade. Desta forma a flexa tornava-se uma "arma de repetição", como o revólver do homem moderno, podendo ser utilizada tantas vezes quantas a ponta da flexa pudesse ser re-afiada. Bastavam, portanto, duas ou três flexas para o caçador fazer uma boa caçada, contanto que sempre afiasse de novo as pontas de suas armas. \*

Com o desaparecimento dos animais maiores, os índios eram obrigados a dar mais atenção à confecção de armadilhas para pegar animais menores e que não viviam só nas árvores, tais como macacos, coatís e pequenos felinos. Assim, cada índio tinha o seu próprio jogo de armadilhas que montava onde quer que localizasse a pista de animais e depois visitava-as quase diariamente, coletando os animais capturados e levando-os, quando possível, para a ÓKA.

Uma ronda de inspeção às armadilhas -- que podiam atingir o número de vinte -- às vezes transformava-se numa viagem de dois dias da qual a família inteira participava, inclusive criancinhas de colo que eram carregadas às costas das mães. Muitas vezes uma surpresa aguardava o caçador: em vez de encontrar um animal na armadilha, encontrava sinais de que sua armadilha fora "inspeccionada" por algum visitante inesperado que poderia ter sido um dos seus próprios companheiros de tribo ou de um outro acampamento. Uma perda assim -- fosse de um tatu, fosse de um tamanduá -- podia acarretar tristes consequências, especialmente se o dono da armadilha e sua família já estivessem sem o que comer a alguns dias. Essas invasões de armadilhas alheias devem ter sido ocorrências frequentes, porque os caçadores inventaram uma espécie de proteção para suas armadilhas, chamada MANDUKA.

A MANDUKA era um buraco pequeno (cerca de 30 cm. quadrados) com mais ou menos dois palmos de profundidade, cavado nas trilhas que levavam às armadilhas. Nesses buracos eram fincadas estacas ponteagudas, feitas de madeira dura e com suas pontas voltadas para cima. O buraco era, então, camuflado com galhos e gravetos secos, cobertos com capim e plantas secas.

---

\* Neste parágrafo o autor se expressou de maneira confusa -- Não se sabe quando ele está se referindo às farpas da flexa, e quando à flexa propriamente dita.

A camuflagem tinha que ser perfeita, de maneira a evitar qualquer suspeita por parte de estranhos; quando o serviço era feito com capricho, a MANDUKA, de tão bem disfarçada, chegava a ser praticamente invisível.

Um índio descalço que pisasse nas estacas ponteagudas de uma MANDUKA, machucaria gravemente o pé e não tentaria ir adiante. Além disso, o invasor seria facilmente identificado ao retornar da sua excursão com o pé sangrando.

\*\*\*\*\*

#### A VIDA NA FLORESTA -- CONSERVAÇÃO DO FOGO

Não há dúvida que a Natureza, muitas vezes cruel e agressiva, ensinava uma série de lições que o índio aprendia a duras penas. Assim, tudo o que, de alguma forma, apresentava dificuldades, sugeria precauções especiais. Uma das coisas mais importantes era a conservação do fogo que precisava ser mantido constantemente aceso, por tratar-se de uma necessidade cotidiana, quer estivessem em seus acampamentos, quer vagando pela floresta, ou ainda inspeccionando armadilhas. Às vezes a família inteira se ausentava e não tinha nem vizinhos que ficassem de olho no seu "tápuy". Mesmo que a família tivesse deixado alguns tições acesos para o seu regresso, havia sempre o perigo de que uma chuva inesperada apagasse até a última fagulha nas cinzas...e então, como reativar o fogo?..

Como precaução contra um contratempo dessa natureza, eles levavam consigo cinzas quentes durante suas excursões pela floresta. Mas o que fazer com a lenha molhada ou úmida, durante a estação chuvosa?..Descobri a resposta a essa pergunta quando achei no mato, não muito longe duma ŪKA, montes de galhos secos cobertos com folhas de palmeira e cascas de árvores. Evidentemente, ali estava a reserva de "combustível" seco para os dias em que lenha seca fosse difícil de encontrar. Os próprios índios me explicaram que tanto homens como mulheres colaboravam para juntar lenha durante a época da seca e mantinham seco o seu estoque para os dias chuvosos.

\*\*\*\*\*

Era pequena a quantidade de alimentos que a floresta fornecia aos indígenas e, já que nada plantavam nem possuíam animais domésticos, eram obrigados a contar exclusivamente com os recursos naturais. Esses recursos eram incertos e, caso o tempo não contribuísse para o amadurecimento das frutas, até mesmo os animais que se alimentavam de frutas iam em busca de regiões onde o alimento fosse mais abundante. O mesmo acontecia com as aves que migravam para o norte à procura de alimento. Os pobres índios, porém,

viam-se obrigados a ficar, e o seu paraíso tropical transformava-se num inferno de fome e miséria. Eram poucas, portanto, as suas chances de sobrevivência e, nessas circunstâncias, o que ainda salvava a situação, eram o KANGÓDZO, o MÓKU e o GORÓ (além de uma pequena quantidade de KÓGWA). Tratava-se de larvas de palmeiras ( RHINCOPHORUS PALMARUM ) parecidas com besouros que se criavam antes do inverno nos troncos das palmeiras e de outras árvores. Os HÉTAS devem ter seguido uma rotina milenar para encontrar meios de guardar essas larvas para os períodos de fome. Isso, porém, pouco adiantava para um grupo numeroso de pessoas famintas, mas o pouco, por pouco que seja, é sempre melhor do que nada. Por conseguinte, quando os indígenas previam um período de seca e privações, preparavam-se de acordo: derribavam algumas palmeiras de ZERIVÁ e os troncos eram protegidos contra animais que se alimentavam de larvas, como, por exemplo, tatus, coatis, etc.

As pequenas larvas cresciam até atingir a grossura de um dedo e, quando a fome apertava e não havia nem frutas nem animais, eram comidos juntamente com KÓGWA -- uma espécie de bulbos semelhantes à batata. Outros alimentos, embora não tão abundantes, contribuíam para salvar a vida dos selvagens no inverno, como atesta a sobrevivência de grupos inteiros. Palmito e brotos de bambu desempenhavam o papel de "alimentos salva-vidas"; o fato, porém, é que os índios nada plantavam para o inverno que, felizmente, era de curta duração. No entanto, a solução ideal era sempre abater, quando a sorte ajudasse, um tapir ou um veado ou um tamanduá grande.

Embora o inverno fosse a estação das "vacas magras", na primavera e no verão havia comida em abundância; mesmo assim, figuravam no cardápio dos índios certos "alimentos" estranhos que nós nem sequer imaginariamos. Entre eles estavam os vagalumes que os jovens descendentes dos velhos HÉTAS não se recordam de ter comido, nem sequer de tê-los visto. O motivo talvez seja porque os vagalumes só aparecem durante um período curto do ano e, mesmo então, só em pequena quantidade. Talvez seja por isso que muitos jovens HÉTAS não tiveram oportunidade de ver seus pais torrando e comendo vagalumes.

Certa vez, tive oportunidade de abrir a caixa em que uma índia chamada ALJÁ guardava seu mate em pó (KUKWAY); nessa caixa encontrei uma grande quantidade de besouros vivos que pareciam pequenas baratas, cobertos com o pó do mate e correndo para lá e para cá. Não era fácil determinar qual a espécie dos insetos, por estarem todos cobertos com o pó esverdeado. ALJÁ, porém, explicou que guardava aqueles insetos na esperança de apanhar outros da mesma espécie, à noite, quando voavam para lá e para cá; mais tarde pretendia torrá-los ao fogo. Foi assim que fiquei

sabendo de um detalhe do qual os jovens descendentes dos HETAS não tinham conhecimento. De qualquer forma, "petiscos" como aqueles (vagalumes) eram raros e não contribuíam muito para encher o estômago dos índios.

O mesmo pode-se dizer do "bicho-carpinteiro", inseto comum nas matas daquela região, mas que não é encontrado em quantidade. CÍQUÉN costumava torrá-los e deliciava-se em comê-los, como se estivesse comendo um bom-bom de chocolate.

Nunca pude saber com certeza se os HETAS comiam mandurvás e ovos de formiga, coisas que outras tribos comiam regularmente; tão pouco averigüei se comiam ou não gafanhotos, insetos que, em períodos de fome e escassez de alimento, constituíam-se num "alimento salva-vidas" para a tribo dos Chavantes.

"Catar piolhos" é uma atividade cotidiana para a maioria das tribos indígenas; no entanto, nunca vi os HETAS catando e comendo piolhos; parece, porém, que alguns deles já os tinham experimentado pois, inclusive, têm um nome para esses insetos que é K. (?) Quanto a pulgas, ocorreu certa vez um incidente ao qual aludiremos mais tarde, quando falarmos sobre cães.

\*\*\*\*\*

#### A VIDA NA FLORESTA --- FOME NA ÓKA

Quando ouvimos dizer que um certo grupo de índios era um povo que vivia da caça e dos frutos da floresta, talvez os imaginemos desfrutando as delícias de um paraíso onde abundavam animais e frutas de toda espécie. A realidade, porém, era bem diferente, e a era dos supermercados estava longe de atingir suas pequenas e primitivas comunidades. Eram obrigados a lutar para sobreviver, rodeados por uma Natureza muitas vezes hostil, onde passavam fome, uma fome agravada pelo processo de colonização das terras em que viviam. Havia ocasiões em que o alimento simplesmente não existia, criando-se assim uma situação intolerável para um pai de família que tinha mulher e filhos para sustentar. Perguntei o que faziam nessas épocas de escassez ou de falta absoluta de alimentos...Um dos meninos contou-me que seu pai costumava dizer que de nada adiantava chorar; a solução era deitar sobre o estômago, manter-se imóvel e tentar dormir até que alguma comida pudesse ser encontrada. Nessas ocasiões, mesmo debaixo de pesadas chuvas, os mais velhos tentavam solucionar o problema embrenhando-se no mato à procura de algo que comer. Foi num desses períodos difíceis que NÁMO GUÁKA e seu pai saíram à procura de alimento; as armadilhas, entretanto, es-

tavam vazias, pois até os animais pequenos se escondem em suas tocas durante chuvas muito fortes. Finalmente, porém, o velho encontrou uma espécie de liana que produz a KÓGWA. Desenterrou uma raiz tão grande que NÁMO GUÁKA não conseguia ergu-la nem carregá-la. Um "achado" daqueles resolveria o problema da fome no "tápu" por um ou dois dias; caso contrário, os índios ver-se-iam obrigados a sobreviver apenas à base de KUKWAY. Por outro lado, o incidente prova que, nessa época, NÁMO-GUÁKA era uma criança ainda bastante pequena, pois não tivera sequer condições de carregar a raiz de KÓGWA.

\*\*\*\*\*

#### A VIDA NA FLORESTA --- INCIDENTES NA CAÇA

O puma ou leão montanhês, ou ainda Nágua-p-Dahai, como os índios o conheciam, frequentemente fornecia alimento aos indígenas. Estes, ao encontrarem o animal com sua presa, enxotavam-no com gritos...roubavam, então, a presa do puma, levavam-na para o acampamento onde o animal era assado e comido na maneira de costume. Não raro achavam também um animal -- geralmente um veado -- que o puma havia morto e escondido para a refeição do dia seguinte. Quando a carne encontrava-se ainda fresca, era também levada para o acampamento e devidamente aproveitada. Nesse ponto os índios eram cuidadosos; ao encontrarem um animal -- inclusive nas armadilhas -- cheiravam-no primeiramente e, caso percebessem que a carne estava em estado de putrefação, rejeitavam-na.

Quando estavam caçando ou seguindo a pista de algum animal, nas suas andanças pela floresta, os índios tinham o máximo cuidado para evitar que sua presa escapasse. Nessas ocasiões, ordenavam silêncio uns aos outros com as palavras NIDZAUOLME OU NIDZAUEME, que significam: "não fale!"

Os HETAS gostavam muito de juntar as sementinhas de uma pimenta conhecida naquela região pelo nome de "pimenta braba". Temperavam com ela o KUKWAY; a carne, porém, raramente era temperada.

\*\* \*\* \*

Uma observação sobre a AURA - PÉRA, também conhecida como "cortiça" ou "árvore corticeira". Esse tipo de madeira é muito mole e, por isso mesmo, difícil de cortar com um machado de pedra. Depois de seca, tornava-se extremamente leve e, portanto, não causava surpresa ver que as mulheres a transportavam em seus cestos, de um acampamento para outro. As

pequenas achas de AÚRA-PÉRA, cortadas para servir de travesseiro a crianças ou solteiros, eram usadas também -- como, aliás, já explicamos -- para chamar chuva. Um dos homens batia num tronco de árvore com o AÚRA - PÉRA e, dominado pelo cansaço, parava de bater, gritava para o firmamento, ordenando à chuva que caísse. O ritual de chamar chuva -- e as pancadas tinham que ser rápidas e fortes -- às vezes se estendia por vários dias, mas os índios não o interrompiam até que a chuva começasse a cair.

\*\*\*\*\*

Vamos agora à questão dos cães. Durante o tempo em que estivemos em contato com os HETAS, eles não possuíam cães mas, como um certo incidente indica, gostavam desses animais. É difícil dizer se já os haviam possuído em época anterior.

Certa vez eu estava em trabalho de campo, tentando concluir uma pesquisa sobre a fabricação do ITÁ - NEPRAK ou machado de pedra. Que eu soubesse, naquele tempo HATCUAKÁN e EIRAKÁN ainda eram vivos e moravam na reserva Pé de Galinha.

Certa noite, sentados à volta do fogo, ouvimos sons que vinham do mato: era o latido fraco de um cachorro que só poderia ser um cão de caça acompanhando seu dono, ou um cão que se perdera e latia na esperança de atrair a atenção do dono. Os latidos continuaram por muito tempo e, embora espaçados, pareciam estar se aproximando cada vez mais. Finalmente, passado mais algum tempo, os latidos ficaram mais fortes e apareceu na clareira um cachorro de tamanho médio que se aproximou latindo e grunhindo de maneira um tanto desconfiada. Bastou, porém, um pouco de comida para que ele se sentisse mais à vontade...mais uns pedaços de carne e ele se tornou amigo de todos. Os índios, muito alvoroçados, começaram a acariciá-lo; o cachorro acabou deitando-se muito satisfeito, ao lado do fogo, e ali mesmo pegou no sono. Apesar de entusiasmados com a presença do cachorro, os índios descobriram logo que ele também lhes trouxera uma boa quantidade de pulgas a que não estavam acostumados. No dia seguinte o problema foi resolvido: construíram um "tápuy" separado para o cão e amarraram-no com uma "corrente" de cipó.

OBSERVAÇÃO : O que segue no original inglês, à pg. 66 c já foi relatado, praticamente com palavras idênticas, à pg. 6 (do orig. inglês).

\*\*\*\*\*

O PREPARO E O CONSUMO DOS ANIMAIS DE CAÇA.  
COMO LIMPAVAM AS MÃOS E COMO FERVIAM ÁGUA.

Quando os animais eram recolhidos das armadilhas, fosse o que fosse, caso a família se encontrasse longe do acampamento, eram comidos em qualquer lugar onde pudessem descansar, contanto que fosse perto de um regato ou de uma fonte. A água era indispensável, pois os índios precisavam da sua porção diária de KUKWAY, sem o qual não passavam. Essa bebida era preparada com água frio -- daí originou-se o mate paraguaio ou TERERÉ -- exceto durante o inverno, quando a água era aquecida com carvões acesos colocados dentro dela.

Os animais abatidos eram sempre assados ao fogo, mas não antes que sua pele fosse tostada; desta forma o pelo do animal era queimado juntamente com as parasitas que a ele se prendiam.

A primeira coisa que os índios comiam eram os intestinos do animal, que eram extraídos assim que a pele fora tostada. Antes de serem assadas sobre brasas, as tripas eram espremidas para extrair os excrementos; naturalmente, enquanto o índio fazia esse trabalho, suas mãos ficavam sujas e, na falta de água, ele urinava sobre elas para limpá-las. Testemunhei pessoalmente esse fato em várias ocasiões. O animal é então esquartejado e assado sobre brasas, de acordo com o gosto de cada um.

Os HETAS raramente cozinham alguma coisa e somente em raras ocasiões -- geralmente no inverno -- fervem água. Já que eles não fabricam utensílios de argila, inventaram uma maneira muito engenhosa de ferver água. Usam para isso uma espécie de casca ou bainha alongada que cobre as flores da palmeira de ZERIVÁ. Extraem as flores, esticam a casca e amarram as duas pontas, formando assim um pequeno utensílio que tem a aparência duma canoa ou duma rede estendida. Essa "vasilha" tem condições de ser aquecida cerca de quatro vezes antes que o fogo a queime e inutilize. Uma vez que os indígenas vivem sempre numa região onde abunda o ZERIVÁ, nunca lhes falta o seu original utensílio de dozinha. É primitivo, mas tem uma vantagem: nunca precisa ser lavado.

O aquecimento da água para o preparo do KUKWAY durante o inverno é feito de maneira diferente. Quando a "panela" de casca de ZERIVÁ está cheia de água, carvões acesos são mergulhados, um a um, dentro da água, até que a mesma esteja suficientemente morna para o preparo do chá. O processo é estranho, mas talvez não seja único no gênero, já que os caboclos da região Norte do país fervem e amornam água de maneira semelhante, servindo-se para isso de cabaças ou cuias.

\*\*\*\*\*

O preparo da comida não é tarefa reservada exclusivamente às mulheres, como afirmaram alguns a respeito desses indígenas; tanto homens como mulheres colaboravam para preparar as refeições, dependendo de quem se achava desocupado no momento. Uma vez pronta a comida, o seu consumo obedecia a um estranho ritual que só tive oportunidade de observar uma vez, mas achei-o impressionante. Primeiramente o homem era servido; em seguida era servida sua esposa e, depois dela, os filhos recebiam também cada qual a sua porção de carne assada. A seguir, a segunda esposa que ficara aguardando num lugar à parte, atrás dos demais, recebia também a sua porção de alimento. Esse era o ritual obedecido habitualmente pelos índios mas, já que não foi possível observá-los mais amiúde, não tivemos condições de chegar a outras conclusões. O que se constatou posteriormente é que os indígenas que entraram em contato com o homem branco abandonaram logo seus velhos costumes, adotando novos hábitos. Entretanto, o grupo que permaneceu na floresta continuou ligado às velhas tradições que, infelizmente, não puderam mais ser observadas.

\*\*\*\*\*

A VIDA NA FLORESTA -- A SEIVA DO PALMITO

Se a falta de comida criava dificuldades para os índios em seus acampamentos, a situação tornava-se pior quando se encontravam longe de casa, inspeccionando suas armadilhas, especialmente se a família inteira participava da excursão. No calor da floresta, quando não encontravam água durante longas jornadas, a sede das criancinhas era triste de se ver.

Contornavam o problema quando localizavam algumas palmeiras de palmito e conseguiam aproveitar como bebida a seiva do miolo mole dessa planta. Não era nada fácil obter alguns goles dessa bebida, mas os homens mais velhos sabiam como salvar a situação.

A palmeira de palmito era derribada e a parte superior era cortada e descascada, até que fosse atingido o miolo da planta. Esse miolo era então torcido e espremido até que a seiva começasse a gotejar das fibras; as gotas eram então pingadas diretamente na boca de uma criança ou de uma mulher sedenta. A seiva do palmito tem um gosto adocicado, o que a tornava muito apreciada durante as longas jornadas em que não se conseguia obter água. Esse tipo de "bebida" não era utilizado no acampamento, pois ali sempre havia abundância de água fresca; nas suas viagens, porém, os HÉTAS consideravam a seiva do palmito um verdadeiro salva-vidas. A seiva da palmeira de ZERIVÁ não era considerada boa para beber e os índios desconheciam

a água de IMBAÚBA. Desconheciam também a seiva do "cipó caboclo" e de trepadeiras como a "Cruz de Malta" e a "Roseira". São, porém, seivas de ótima qualidade, largamente utilizadas pelos "Filhos da Natureza" no norte do país.

\*\*\*\*\*

#### A ESTRANHA ESTÓRIA DA HARPIA

A par do respeito que nutriam pelo jaguar, os HETAS respeitavam muito as HARPIAS, pássaros enormes e possantes que antigamente existiam em grande quantidade nas florestas daquela região. Várias vezes os meninos da tribo me contaram que, em tempos passados, as harpias costumavam roubar e comer as criancinhas dos índios. Embora contadas e recontadas, essas estórias são difíceis de crer, parecendo verdadeiros contos da carochinha. No entanto, acabei acreditando que existe nelas algum elemento de verdade. Ora, as harpias costumavam caçar bugios na floresta; para elas, um bugio e um indiozinho só podiam parecer a mesma coisa, isto é: carne para devorar. Além do mais, talvez o indiozinho fosse uma presa bem mais fácil para a harpia agarrar, do que um macaco no topo duma árvore.

O rapto de uma criancinha por uma harpia não parece assim tão inverossímil e, mesmo que o incidente tenha ocorrido uma única vez, teria permanecido gravado para sempre na memória do grupo.

Çiquén Uaié fez um desenho representando o ataque duma harpia contra uma criancinha e, baseando-me nessa ilustração primitiva, fiz duas pinturas a óleo, representando o ataque e o rapto da criança. Pintei também vários outros incidentes da vida dos HETAS, embora não os tenha testemunhado nem podido filmar ou fotografar.

Não creio que um índio não acostumado à vida civilizada, pudesse inventar uma estória dessas, ou que chegasse a contar uma mentira proposital, pois mesmo que nunca tivesse presenciado um tal acontecimento, poderia tê-lo ouvido de seu pai ou de outros que o testemunharam. Bem, quem poderá apresentar provas?..Mas Çiquén ainda vive...

\*\*\*\*\*

#### A VIDA NA FLORESTA -- O ARCO E SEUS USOS

Quando ouvimos falar do índio e seu arco, imediatamente imaginamos o selvagem atirando contra o jaguar, o tapir, o porco selvagem ou os macacos na copa das árvores. Esta, evidentemente, era a finalidade principal do arco. Todavia, para o homem da floresta, o arco era um implemento

de muitas e variadas utilidades, além de ser uma arma poderosa. Nas suas andanças pela floresta, o caçador tinha inúmeras oportunidades de servir-se dele para solucionar problemas e dificuldades inesperadas.

Dentre as poucas coisas que ficaram na minha lembrança, dos dias que passei junto a eles, posso citar as seguintes: quando o índio se deparava com uma cobra no seu caminho, em vez de ir à procura de um pedaço de pau com que matá-la, servia-se do arco que já tinha em sua mão. Numa certa ocasião, quando um indiozinho passava por baixo de um pé de "banana de mi-co", vendo que as frutas estavam fora do seu alcance, simplesmente esticou o seu arco e, com a corda do mesmo, cortou com destreza as frutas maduras. Muitas vezes o arco era utilizado como bengala, ou para fornecer apoio ao corpo, quando a pessoa atravessava um rio ou regato de certa profundidade, ou escalava a ribanceira dos mesmos ou, ainda, quando caminhava sobre terreno excessivamente irregular. Certa vez vi um índio espetar, com a ponta do seu arco, um tatu que lhe atravessou à frente; tivesse ele tentado alvejá-lo com uma flexa, não o teria conseguido. Além dessas, uma série de outras oportunidades terão surgido, no dia a dia da floresta, para o selvagem valer-se do seu arco, arma poderosa e praticamente inquebrável. Manejado como instrumento de defesa, numa luta corpo a corpo, o arco devia ser uma arma realmente fantástica.

\*\*\*\*\*

As crianças geralmente divertiam-se bastante no acampamento, contanto que não faltasse comida. Pode-se dizer, portanto, que "todo dia era dia de festa". Não tendo outra coisa que fazer, as crianças brincavam o dia inteiro. Os meninos subiam nas árvores à procura de frutas e ninhos de passarinhos, balançavam-se em cipós e, quando se cansavam, praticavam tiro ao alvo com seus arcos e flexas. Gostavam também de construir casinhas para os seus papagaios, atividade da qual participavam também as meninas. Outra atividade preferida das crianças era assar ratinhos apanhados em armadilhas que elas mesmas fabricavam. Quando o calor se tornava excessivo, todos mergulhavam nas águas de um regato, onde prosseguiam nos seus folguedos, brincando de pegar "cobra d'água" feita com um pedaço de cipó flexível. Depois do banho, punham-se a catar amoras e outras frutinhas silvestres, bem como pimentas vermelhas que eram usadas no tempero da carne. (Ao que tudo indica, os HETAS não conheciam o sal.)

A vida despreocupada e alegre das crianças só era interrompida quando acompanhavam seus pais em excursões pela mata, a fim de juntar frutas ou inspeccionar armadilhas. As criancinhas de colo não eram exceção; não podendo andar, eram carregadas às costas das mães em cinturões

especiais. Não era costume entre os índios castigar as crianças; mas quando um pai, por um motivo qualquer, ficava contrariado, repreendia o filho ou a filha. Observei, certa vez, como HATCUAKÁN, zangado com seu Çiquén, tomou o arco e as flexas do menino e quebrou-os em pedaços. Para ele, aquela era a melhor maneira de castigar e mostrar seu descontentamento.

Certo dia EIRAKÁN ficou contrariado com sua filhinha porque ela não prestou atenção a uma tarefa que ele lhe confiara. Isto ocorreu quando ele se ofereceu para fazer-me um par de brincos de pena de pavão -- um TROGAN de peito vermelho que eu lhe trouxera para assar. EIRAKÁN pediu à menina que segurasse o pássaro de maneira que ele pudesse arrancar-lhe a pele, pois pretendia usar as penas do peito na confecção dos brincos. O trabalho era feito com uma lasca afiada de crisciúma. Ora, a menina descuidou-se, deixou escapar da mão o pássaro que estava segurando e a madeira acabou furando a pele do pássaro, deixando-a levemente danificada. EIRAKÁN ficou muito zangado, ralhou com a menina e mandou-a embora; chamou-a, em seguida e pediu-lhe que mandasse o Çiquén de HATCUAKÁN para ajudá-lo a concluir o trabalho. O menino veio e, daí em diante, tudo correu bem: tiraram a pele do pavão, colaram-na sobre uma cabaça vazia e deixaram-na em cima do teto de uma cabana para secar. Filmei todo o processo e fiquei satisfeito com os resultados, o mesmo se passando com EIRAKÁN. No dia seguinte, quando a pele e as penas do pássaro já estavam secas, EIRAKÁN cortou os pedaços no tamanho certo, amarrou-os a um barbante e presenteou-me orgulhosamente com os "brincos".

Os "brincos" vermelhos atraíram a atenção de João Serrano que m'os pediu emprestados para mostrá-los a seu irmão. Não gostei da idéia mas, para não sacrificar a amizade, entreguei-lhe os brincos que, como eu já estava prevendo, jamais foram devolvidos. Seis anos mais tarde, a mãe de João Serrano mostrou-me os brincos, perguntando-me se eu já tinha visto objetos como aqueles. "Claro que sim -- respondi -- pois esses aí são meus!" Foi assim que recuperei os brincos e, até a presente data, ainda os tenho comigo. Como já tive oportunidade de dizer, os objetos de uso, bem como de adorno, que os HÉTAS confeccionavam, eram feitos com muito capricho e cuidado. Chegavam às vezes a ser artísticos e cada objeto era checado e re-checado várias vezes, antes que fosse dado por totalmente acabado. Exemplo disso era a fabricação do HAMETA, ou seja o pino para esticar os lábios, feito com resina de jatobá. A confecção desse objeto era executada com o máximo cuidado...qualquer cisco ou sujeira que ficasse dentro da resina transparente inutilizava a peça que era automaticamente rejeitada. É natural, portanto, que se pergunte: Será que em épocas mais remotas, os HÉTAS sempre foram tão caprichosos como o eram em época mais recente, antes da sua extinção total?..

\*\*\*\*\*

O C O R R Ê N C I A S      E S T R A N H A S

Eu gostaria de deixar registrada aqui uma ocorrência que se deu durante minha última visita ao acampamento de HATÇUAKÁN, no local conhecido como "Pé de Galinha". Não me recordo da data exata, mas parece-me que foi depois da última visita que HACTUAKÁN fez ao sítio Santa Rosa. Apesar de terem comida em abundância no rancho de Antônio Lustosa de Freitas, a mulher de HACTUAKÁN não gostava de ficar lá, porque sentia-se privada da liberdade que, como índios, desfrutavam na floresta. Ali Djalma Aryon Rodrigues e eu localizamos tanto a família de HATÇUAKÁN como a de EIRAKÁN. Havia dois outros homens que pertenciam ao mesmo grupo, NANGO e KAYKAN-M-BAWAY os quais não se encontravam lá nessa oportunidade mas, alguns dias mais tarde, apareceram. Ninguém sabia o que os levara até lá. Talvez tivessem sido informados sobre nossa presença no local ou, quem sabe, sentiram o nosso cheiro...

Depois que HAYKUMBAWAY e NANGO chegaram ao acampamento de HATÇUAKÁN, este enviou EIRAKÁN a uma ÓKA distante para buscar um SYPÁL que ele prometera fazer para mim; foi assim que EIRAKÁN, com sua mulher e filhos, partiram para um local que deve ter sido muito distante, pois só voltaram depois de passados vários dias.

Entrementes, HAYKUMBAWAY e NANGO tiveram uma conversa secreta que foi ouvida pelo filhinho de HATÇUAKÁN; o menino correu para seu pai e contou-lhe a trama que tinha ouvido. O plano deles era assassinar HATCUAKÁN e roubar-lhe a mulher, levando-a, em seguida, para uma de suas ÓKAS mais distantes.

Quando eles se aproximaram de HATCUAKÁN, este ordenou-lhes que fossem embora do seu acampamento e nunca mais aparecessem lá. Após esse incidente, os dois homens desapareceram do acampamento e somente depois que EIRAKÁN me trouxera o SYPÁL prometido, NANGO retornou e, após algumas explicações, permaneceu lá durante toda a nossa estadia. Se bem me recordo, HAYKUMBAWAY não voltou para o acampamento enquanto estávamos lá em companhia de HATCKUAKÁN e sua família.

Talvez alguns leitores perguntem: como foi possível ficarmos sabendo da trama, se o conhecimento que tínhamos do idioma dos HETAS era praticamente nulo?.. Acontece que TÚKA estava conosco e os filhinhos de HATCKUAKÁN contaram-lhe como eles haviam descoberto o assassinato planejado, e também porque HATCUAKÁN ordenara aos conspiradores que se afastassem do acampamento.

Como estranhos que éramos, não demos muita atenção ao incidente, apesar de ele ter criado uma situação muito tensa entre os índios. Minha opinião pessoal, porém, é que entre o planejamento e a execução do crime, a distância era muito pequena. Se levarmos em conta que essas ocorrências eram frequentes nos acampamentos dos HETAS, e que, por causa de mulheres, muitos assassinatos eram cometidos, o fato que acabamos de relatar não causará admiração.

Afinal de contas, o mesmo acontece -- e com muita frequência -- com "pessoas civilizadas". As provas estão aí, diariamente, nos jornais.

Que esses crimes eram frequentes entre os HETAS, não resta dúvida, pois as crianças os mencionaram repetidas vezes.

\*\*\*\*\*

#### O PACTO DE CASAMENTO

Entre os HETAS, o casamento era um pacto ou acordo entre o homem e os pais de sua futura mulher. O que realmente se passava é que os pais ofereciam sua filha ao moço como esposa. O homem ou o rapaz nunca tentava pedir pessoalmente a mão da moça nem fugir com ela; a proposta tinha que partir dos pais. Evidentemente, o costume era estranho por ser precisamente o inverso daquele a que estamos acostumados. Caso o rapaz aceitasse a proposta, a partir daquele instante a moça tornava-se sua companheira, passando a morar com ele. Ela levava consigo, para o seu novo lar, os poucos -- pouquíssimos -- objetos de uso diário que possuía: um cesto, algumas esteiras de dormir e praticamente nada mais. Nunca aconteceu de uma mulher fugir, abandonando casa e marido; pelo contrário, o comum era os dois envelhecerem juntos. Pelo menos foram essas as informações que tive de HAIKANMBAWAY. Embora este não tivesse feito menção alguma das festividades que acompanhavam o casamento, CIQUEN - UAIÉ referiu-se a elas; talvez porque CIQUEN tivesse visto de um outro acampamento onde ele assistiu, quando criança, algumas festas de casamento. Neste caso, como em outros já mencionados, todas as informações são vagas, a ponto de parecerem mais contos de fadas...

HAIKAN-M-BAWAY ou HAYKUMBAWAY recebeu esse nome por ser um grande caçador de antas (tapir) animal que os índios chamam de HAIKAN. Seu pai, que também fora um grande caçador de antas, tivera o mesmo nome. Quando vivo, o velho havia tido duas esposas e o HAIKAN-M-BAWAY que conheci também tinha duas mulheres quando frequentava o Sítio Santa Rosa.

\*\*\*\*\*

#### A SUBIDA EM ÁRVORES E A FABRICAÇÃO DE ESCADAS

A necessidade de procurar alimento treinou os HETAS para se tornarem extremamente adeptos em subir em árvores, pelo simples fato que uma boa parte do seu alimento consistia de frutas que cresciam no alto das árvores. Mas não eram apenas as frutas; havia também os ninhos de passarinhos com seus ovos e, às vezes, com filhotes que, para os indígenas, podiam representar deliciosos petiscos. Nas árvores encontrava-se também o cobiçado mel que, além de alimento importante, era muito apreciado pelos índios que não poupavam esforços para chegar até as colméias. Às vezes estas se encontravam cheias de

larvas, com as quais os índios se deliciavam.

Havia também os coquinhos de ZERIVÁ que pendiam em grandes cachos, do alto das palmeiras. A polpa desses coquinhos constituía-se num alimento bastante nutritivo. Os cachos, parecidos com enormes cachos de uvas amarelas, precisavam ser cortados no talo; o índio subia até o topo da palmeira sem maiores dificuldades e, com seu machado de pedra, cortava os cachos e deixava que caíssem ao chão.

As árvores frutíferas geralmente cresciam num emaranhado de vegetação estranha, chegando a parecer às vezes inacessíveis, especialmente quando o tronco da árvore era coberto de espinhos ou rodeado por uma vegetação semelhante ao cacto. Nesses casos, o caçador-colhedor de frutas não subia na árvore em questão, mas tentava alcançar seus galhos superiores, subindo por uma árvore menor que estivesse por perto, ou agarrando-se aos cipós e trepadeiras que pendiam dos gigantes da floresta, como se fossem uma espessa cortina.

Um problema mais sério surgia quando era preciso subir numa árvore muito alta e, ao mesmo tempo, isolada das demais. Nesses casos, não adiantava fazer uma "peia" ou alça de suporte para os pés. Somente a ereção duma espécie de escada possibilitaria atingir o topo da árvore onde se encontrava o precioso mel de abelhas.

Para fabricar a escada, eram necessárias algumas varas compridas, além de alguns galhos reforçados para servirem de degraus; eram precisos também pedaços de cipó ou varetas de bambu. Primeiramente eram levantadas duas varas paralelas, encostadas e amarradas ao grande tronco da árvore. A seguir, vários "degraus" eram atados às varas que, por sua vez, eram amarradas ao tronco tão alto quanto possível, acrescentando-se mais degraus à "escada". Essa escada era prolongada com mais varas laterais e mais degraus, até que fosse possível alcançar os galhos da árvore. Esse método de fabricar "escadas" na floresta ou numa clareira era realmente engenhoso mas, ao mesmo tempo, era muito complicado e exaustivo, uma vez que exigia grande quantidade de material que precisava ser cortado e trazido até o local.

Quando os índios subiam na palmeira de ZERIVÁ, usavam uma peia ou alça de suporte para os pés, confeccionada com alguns galhos trançados de bambu; o trepador enfiava os pés nessa alça e, apoiando-se nela, conseguia subir e descer pelo tronco liso da palmeira com relativa facilidade. Quando os coquinhos de ZERIVÁ estavam amadurecendo, o grupo de indígenas procurava cortar o maior número possível de cachos; levavam-nos para o acampamento e lá os coquinhos eram colocados dentro de um recipiente grande -- a AGUÁ -- misturados com água e socados até que a polpa macia se separasse da castanha do coquinho. Quando essa mistura, os indígenas obtinham uma bebida gostosa que preparavam sempre que possível. Os restos desse suco ---

isto é: as castanhas e a polpa seca -- formavam enormes montes nos acampamentos, como prova da grande quantidade de coquinhos consumidos no preparo dessa bebida.

\*\*\*\*\*

#### CRENCAS E SUPERSTIÇÕES DOS HETAS

Como qualquer outro povo, os HETAS devem ter tido muitas crenças e superstições. Entretanto, ao tentar aprofundar-me um pouco nos seus mistérios, verifiquei que se tratava de uma tarefa realmente impossível, pois era muito pouco o que eles revelavam a respeito de suas crenças, além de uma ou outra referência aos mundos misteriosos que os rodeavam e do pavor que tinham dos espíritos de seus antepassados. Acreditavam que esses espíritos os perseguiam constantemente e, por conseguinte, deviam ser tratados com grande respeito.

Acima de todas as coisas estavam seres todo-poderosos aos quais davam o nome de DADEREDZA e ANDEREDZA. Essa última divindade, acreditavam eles, era quem velava pelos HETAS, dando-lhes o alimento de que precisavam na sua existência primitiva. Aparentemente NADEREDZA e ANDEREDZA tinham as mesmas funções no mundo espiritual dos HETAS ou, talvez se tratasse do mesmo ser, com nomes levemente diferentes, usados por grupos diferentes do mesmo povo. Quando os índios faziam qualquer referência a esses seres poderosos, faziam-no com o maior respeito, pois pertenciam, como o raio e o trovão, ao mundo sobrenatural. Ao trovão -- do qual tinham grande pavor -- davam o nome de TOMPA, palavra essa que, ao ser pronunciada pelos homens, soava como se fosse TUPAN. Essa era a palavra com a qual eles se referiam às descargas de trovão que faziam a terra tremer durante as tempestades na floresta. A pronúncia dos vocábulos TOMPA e TUPAN pode levar-nos a algumas conclusões... Abstenho-me, porém, de fazer qualquer comentário sobre o assunto, salientando apenas que, quando ouvi os indígenas pronunciar o nome de TOMPA durante uma tempestade, tive a nítida impressão de que soava como TUPÁN. E, naqueles tempos, minha audição era perfeita.

Os espíritos dos mortos, ou MOU, eram espíritos maléficos que perseguiram as pessoas vivas que vagavam pela floresta, tentando sempre fazer-lhes algum mal. Era necessário, portanto, evitá-los cuidadosamente. É claro que isso representava um problema, porque embora exalasses um péssimo cheiro, nunca podiam ser vistos. De uma coisa os índios estavam certos: esses espíritos mal-cheirosos os perseguiram em suas andanças pela floresta virgem. Suspeitava-se facilmente da presença dos MOU, uma vez que, na floresta,

há muitos insetos mal-cheirosos ou plantas e frutas em estado de putrefação que exalam mau cheiro. A imaginação dos ingênuos selvagens levava-os a ver nisso tudo manifestações de um mau espírito, ou seja, de um MÔU.

Os MÔU dos animais mortos -- pois, segundo a crença dos HETAS, eles também existiam -- não eram de grande importância, apesar de estarem sempre por perto, acompanhando os homens. Era, porém, fácil evitá-los ou propiciá-los.

A essa crença podemos atribuir as longas cerimônias acompanhadas de cânticos, que os indígenas realizavam à noite em suas cabanas. Nessas ocasiões, cada pássaro era homenageado com seu canto característico. Ainda com relação a essa crença, podemos mencionar o ritual ALUÊ, destinado a apaziguar o abutre (urubu?) quando um deles era morto; caso contrário, ele se vingaria de todos os habitantes da ÓKA.

A crença na vingança do morcego, caso um deles fosse morto, pertence à mesma mentalidade supersticiosa; o costume de não pronunciar os nomes de animais mortos também nos leva para o campo das crendices e superstições. Eram muitas, não resta dúvida; bem poucas, entretanto, foram comprovadas e registradas.

Ao tocar no corpo de uma pessoa morta, os indígenas tinham o máximo cuidado para que o contato ficasse reduzido ao mínimo necessário... Não se permitia às crianças que se aproximassem de um cadáver, nem sequer que o contemplassem à distância. Quando um homem era enterrado, às vezes colocavam seu arco e flechas na sepultura; nada, porém, colocavam no túmulo de mulheres.

Evidentemente, teria sido impossível fotografar um "espírito mau" ou MÔU...O máximo que pude conseguir foram figuras de MÔU feitas de cera, das quais cheguei a coletar umas dez espécies diferentes.

\*\*\*\*\*

\*\*\*